

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL – IACS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

REILA TALINE SARAIVA DE JESUS

**“MINHA VOZ USO PRA DIZER O QUE SE CALA” -  
DO ISOLAMENTO AO ACOLHIMENTO, O PODER DE UM CLUBE DE LEITURA  
ONLINE: UM ESTUDO SOBRE O CLUBE DE LEITURA DA MANU**

NITERÓI 2023

REILA TALINE SARAIVA DE JESUS

**“MINHA VOZ USO PRA DIZER O QUE SE CALA” -  
DO ISOLAMENTO AO ACOLHIMENTO, O PODER DE UM CLUBE DE LEITURA  
ONLINE: UM ESTUDO SOBRE O CLUBE DE LEITURA DA MANU**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina Bay Frydberg

NITERÓI 2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S243? Saraiva De Jesus, Reila Taline  
?Minha voz uso pra dizer o que se cala? - Do isolamento ao acolhimento, o poder de um clube de leitura online: um estudo sobre o Clube de Leitura da Manu / Reila Taline Saraiva De Jesus. - 2023.  
92 f.: il.

Orientador: Marina Bay Frydberg.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.

1. Feminismo. 2. Incentivo à Leitura. 3. Trabalho Doméstico. 4. Violência. 5. Produção intelectual. I. Frydberg, Marina Bay, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO  
CULTURAL

## ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao décimo sétimo dia do mês de julho do ano de 2023 , às catorze horas, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF nº 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **"Minha voz uso pra dizer o que se cala" - Do isolamento ao acolhimento, o poder de um clube de leitura online: Um estudo sobre o Clube de Leitura da Manu**, apresentado por **Reila Taline Saraiva de Jesus**, matrícula **119033025**, sob orientação do(a) **Dra. Marina Bay Frydberg**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Marina Bay Frydberg**

2º Membro: **Dra. Ohana Boy Oliveira**

3º Membro: **Dra. Cristiane Cardoso Campos**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Marina Bay Frydberg  
marinafrydberg@id.uff.br  
ff.br:97395340078

Autenticado de forma digital por  
Marina Bay Frydberg  
marinafrydberg@id.uff.br#97395340  
078  
Data: 2023.07.17 16:13:05 -03'00'

Presidente da Banca

*Dedico este trabalho à minha avó Maria (em memória) e à minha mãe Vera, por terem me permitido conquistar o que não lhes foi permitido. Uma para cada!*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, antes e acima de tudo, por ter estimulado em mim desde muito pequena o prazer da leitura, por ter comprado meus primeiros livros e por compreender (nem sempre) os meus silêncios quando fico horas a fio mergulhada nas páginas de um livro.

Ao meu irmão e à minha amiga Camille, por terem vibrado com a minha aprovação e entendido a minha vontade de cursar outra graduação.

À minha amiga Lhyvia, por toda a empolgação de sempre, por ter ido no meu trote e feito a melhor pintura corporal de copo de Guaravita já vista naquele IACS (aparentemente, além de ritmista, socorrista, anestesista e flamenguista, ela também é artista!!!).

Aos meus colegas de ProCult, pelos sorrisos, abraços, trocas e por me mostrarem que a base vem forte, talentosa e aguerrida. Vocês vão voar!

À Lara, por ter me apresentado o Clube de Leitura da Manu.

Às companheiras do Clube pela acolhida, pela parceria e pelas palavras sempre afetuosas nessa caminhada (seguimos!).

À professora Marina, por ter sido meu porto seguro neste curso, pelo compromisso com o ensino, seriedade com a profissão, mas também pela amizade, paciência e incentivo de todas as horas.

À Ana Clara e Ohana, por terem me percebido perdida, mesmo através dos quadradinhos do *Meet*, e gentilmente terem me apontado um caminho.

À Manuela d'Ávila, por ser inspiração, por ter criado o Clube e continuar se dedicando a ele, pela escuta atenciosa, por permitir a minha pesquisa com o Clube, pela gentileza da entrevista e por continuar lutando.

À Ana Carolini, por toda a ajuda na divulgação dos questionários, na disponibilização dos dados, e pela torcida pela minha pesquisa.

Agradeço Salem pelo apoio, pela generosidade e pela consultoria gratuita.

A todas as autoras e editoras que escrevem, publicam e lutam para que nossas histórias sejam contadas.

A todas as mulheres fortes, que não se calam, neste trabalho representadas por Elza Soares, Gal Costa, Rita Lee e bell hooks, inspirações que descansaram

enquanto eu fazia a minha pesquisa e que eu humildemente homenageei com frases eternizadas por elas nos meus títulos.

A todas as pessoas que, de alguma forma, tornaram essa caminhada mais prazerosa e possível. Imensamente, obrigada!

*“A noite não adormecerá  
jamais nos olhos das fêmeas  
pois do nosso sangue-mulher  
de nosso líquido lembradiço  
em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede  
de nossa milenar resistência.”*

*(Conceição Evaristo)*

## RESUMO

A literatura é mais um dos espaços historicamente dominados por homens brancos. Nos últimos anos, foi criado internacionalmente o movimento #LeiaMulheres para estimular a leitura de autoras mulheres. Paralelo a isso, recentemente também aumentou a criação de clubes de leitura no Brasil e no mundo. Nesse contexto, a política e escritora Manuela d'Ávila criou o Clube de Leitura da Manu. Este trabalho estuda as três primeiras edições do Clube de Leitura da Manu, através de entrevista com a Manuela d'Ávila, de questionários aplicados às participantes e da consulta aos vídeos do Clube, analisando como a leitura coletiva de mulheres impactou as participantes e como a literatura evocou debates de temas importantes, dentre eles a economia do cuidado e as violências direcionadas aos grupos oprimidos da sociedade, entendendo como essas discussões contribuíram para o fortalecimento do feminismo e a emancipação das mulheres.

**Palavras-chave:** Literatura; Manuela d'Ávila; Clube de leitura da Manu; economia do cuidado; violência de gênero.

## ABSTRACT

Literature is another one of the spaces historically dominated by white men. In recent years, the #ReadWomen movement was created internationally to promote reading books written by women authors. Parallel to this, lately the creation of reading clubs in Brazil and in the world has also increased. In this context, the politician and writer Manuela d'Ávila created the Manu's Book Club. This monography studies the first three editions of the Manu's Book Club, through an interview with Manuela d'Ávila, forms applied to the participants and consultation of the Club's videos, analyzing how the collective reading of women impacted the participants and how literature evoked debates on important themes, among them the care economy and violence directed at oppressed groups in society, understanding how these discussions contributed to the strengthening of feminism and the emancipation of women.

**Keywords:** Literature; Manuela d'Ávila; Manu's Book Club; care economy; gender violence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 - Distribuição das participantes do Clube de Leitura 2021.2 por regiões brasileiras .....	27
Figura 2 - Distribuição das participantes do Clube de Leitura 2022.1 por regiões brasileiras .....	29
Figura 3 - Distribuição das participantes do Clube de Leitura 2021.2 por regiões brasileiras .....	30
Figura 4 - Distribuição geográfica das participantes das três edições do Clube .....	31

### GRÁFICOS

Gráfico 1 - Por que você decidiu se inscrever no Clube de Leitura da Manu? .....	45
Gráfico 2 - Numa escala de 0 a 5, sendo zero IMPACTOU NADA e 5 IMPACTOU MUITO, qual o impacto de ter participado do Clube de Leitura da Manu na sua vida? .....	46
Gráfico 3 - Depois de ter participado do Clube de Leitura da Manu, o que aconteceu com sua média de livros lidos por ano e com suas escolhas literárias? .....	47
Gráfico 4 - Edições que participaram .....	48
Gráfico 5 - Antes do Clube de Leitura da Manu, você já havia participado de outro clube de leitura? .....	48
Gráfico 6 - Sob o seu ponto de vista, o “espaço” construído pelo Clube de Leitura da Manu é: .....	49

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de participantes por edição por gênero declarado na inscrição .....	30
Tabela 2 - Destinação das bolsas sociais por edição .....	31
Tabela 3 - “Com qual gênero você se identifica?” .....	43
Tabela 4 - Caso se aplique, “como você se identifica dentro da comunidade LGBTQIAP+? (pode marcar mais de uma)” .....	44
Tabela 5 - “Qual a sua escolaridade?” .....	44
Tabela 6 - “Qual a sua cor/etnia?” .....	44
Tabela 7 - Faixas etárias a partir da Data de Nascimento .....	44
Tabela 8 - Dentre as bolsistas, foi contemplada em qual das bolsas sociais? .....	44

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>1 - "Respeito muito minhas lágrimas, mas ainda mais minha risada" - Como transformar um momento de sofrimento em um momento de ação: Apresentando o Clube de Leitura da Manu.....</b>	<b>21</b>
1.1 - O Clube de Leitura da Manu.....	22
1.2 - As três primeiras edições semestrais do Clube de Leitura da Manu.....	26
<b>2 - "E em tudo que eu faço, existe um porquê" - A potência da leitura coletiva de mulheres, por mulheres e com mulheres: Entendendo a Manuela d'Ávila e o perfil das participantes do Clube de Leitura da Manu.....</b>	<b>35</b>
2.1 - Manuela d'Ávila e o Clube de Leitura da Manu.....	36
2.2 - O Clube de Leitura da Manu através das lentes de quem participou.....	42
<b>3 - "A prática do amor é o antídoto mais poderoso contra as políticas de dominação" - A literatura como método para encurtar as distâncias entre as mulheres: A economia do cuidado e as múltiplas violências como pontos comuns nas leituras e debates ao longo das três primeiras edições do Clube de Leitura da Manu.....</b>	<b>54</b>
3.1 - A invisibilidade da economia do cuidado.....	55
3.2 - A literatura trazendo à tona as mais diversas formas de violência.....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>Anexo 1 - Informações sobre as autoras e autores citados.....</b>	<b>82</b>
<b>Anexo 2 - Certificados de participação.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>91</b>

## Introdução

O Prêmio Nobel é considerado mundialmente como a honraria máxima concedida dentro de cada uma das categorias premiadas e optei por usar o Prêmio Nobel de Literatura para iniciar a nossa conversa. Ele é concedido a quem produziu, nas palavras do Alfred Nobel, o trabalho mais notável em uma direção ideal no campo da literatura. Desde a sua criação, em 1901, já houveram 119 laureados até a presente data. Destes, apenas 17 eram mulheres. Negra, apenas uma (Toni Morrison), de quatro negros contemplados. Pessoas trans, nenhuma. Essa soberania do homem branco no campo da literatura se mostra de diversas formas: eles são maioria entre os autores mais publicados, entre os mais vendidos, entre os mais premiados e entre os mais lidos. Mas e as mulheres, não escrevem? Não escrevem bem? Não escrevem para todos?

Esse domínio masculino histórico na literatura, a negação desses espaços às mulheres e a classificação de literatura feminina em “caixas”, incomodaram a jornalista britânica Joanna Walsh, que, em 2014, criou a hashtag #ReadWoman2014, visando estimular a leitura de autoras mulheres e suas narrativas.<sup>1</sup> A ideia foi abraçada e virou um movimento em diversos países (no Brasil virou o #LeiaMulheres<sup>2</sup>), inspirando a criação de diversos grupos de leitura de livros escritos por mulheres, resgatando clássicos e/ou apoiando novas autoras, com presença maciça feminina no mundo todo. Outras fontes de inspiração e incentivo à leitura são algumas celebridades leitoras que resolveram compartilhar suas leituras, criar clubes de leitura virtuais, estimular o debate e incentivar suas fãs a lerem mais. Entre elas, destaco as americanas Oprah Winfrey e Reese Witherspoon, as britânicas Emma Watson e Florence Welch, e a brasileira Sophia Abrahão<sup>3</sup>.

Apesar dos discretos avanços desde o impulsionamento desses e de outros movimentos, com mais publicações de mulheres autoras<sup>4</sup>, mais publicações de

---

<sup>1</sup> [Will #readwomen2014 change our sexist reading habits? | Women | The Guardian](#), acesso em 14 de Março de 2023

<sup>2</sup> <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>, acesso em 14 de Março de 2023

<sup>3</sup> [Clubes do livro organizados por celebridades que você precisa conhecer | Cultura | Marie Claire](#) acesso em 24 de Maio de 2023

<sup>4</sup> [Cresce o número de mulheres publicando livros | Cultura | O Liberal](#), acesso em 29 de Maio de 2023

negras e indígenas<sup>5</sup>, com autoras conquistando um maior reconhecimento na mídia<sup>6</sup> e nas feiras literárias<sup>7</sup>, essas pequenas conquistas precisam ser reafirmadas a cada dia, é uma luta constante.

Em 2021, no Brasil, podemos dizer que foi um momento de fortalecer essa luta. O governo de um presidente de extrema direita, machista, racista, conservador e homofóbico<sup>8</sup>, aliado à reclusão forçada pela pandemia de COVID-19<sup>9</sup> foi especialmente impactante para as mulheres do Brasil. A economia do cuidado, da casa, das crianças, dos idosos, que muitas vezes é invisibilizada enquanto trabalho e conseqüentemente não remunerada, sobrecarregou as mulheres brasileiras, que ainda enfrentam a dificuldade de ter essa carga reconhecida, como Federici destacou em entrevista ao portal Geledés: “O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não remunerado.”<sup>10</sup> Para algumas mulheres, a já pesada dupla jornada de trabalho vivenciada antes da pandemia<sup>11</sup> se sobrepôs, com a adoção do trabalho remoto de casa, as escolas fechadas com as crianças tendo aulas online e os cuidados redobrados de limpeza somados aos já exaustivos serviços domésticos<sup>12</sup>. Para outras, o desemprego e a reclusão em casa, acabaram aumentando os episódios de violência doméstica<sup>13</sup>, e a privação de liberdade

---

<sup>5</sup> [4 autores negros e 1 indígena lideram Top 5 de livros vendidos na 'Flip' 2019 | Hypeness inovação e criatividade para todos](#), acesso em 29 de Maio de 2023

<sup>6</sup> [Doze livros de autoras brasileiras premiadas para presentear no Natal - Jornal Correio](#), acesso em 29 de Maio de 2023

<sup>7</sup> [15 dicas de livros para ler neste ano - Estante Virtual Blog | Livros, cultura e afins](#), acesso em 20 de Maio de 2023

<sup>8</sup> Jair Messias Bolsonaro ocupou a presidência do Brasil de 2019 a 2022 e foi marcado por falas e atitudes preconceituosas durante todo o seu mandato. Para alguns exemplos, ver [De racismo a machismo: relembre as falas preconceituosas de Bolsonaro | Política | iG](#), acesso em 24 de maio de 2023.

<sup>9</sup> COVID-19 é uma doença que acomete predominantemente o trato respiratório do humano, provocada por cepas extremamente letais do coronavírus, que começou a se espalhar pelo mundo a partir de Dezembro de 2019, se iniciando em Wuhan, na China. Em 20 de fevereiro de 2020 foi diagnosticado o primeiro caso de COVID-19 no Brasil. Em 11 de Março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decreta pandemia e alerta global para tentar conter o vírus. No dia seguinte foi decretada a primeira morte por COVID-19 em território nacional. Até o momento da escrita desse texto, mais de 700 mil mortes por COVID-19 foram documentadas no Brasil. No início, a única maneira cientificamente comprovada para tentar evitar a infecção pelo vírus era o distanciamento/isolamento social. Ver [Estudo mostra eficiência do isolamento social contra o novo coronavírus - UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro](#), acesso em 24 de Maio de 2023

<sup>10</sup> [O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago, diz Sílvia Federici](#), acesso em 20 de março de 2023

<sup>11</sup> [Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas](#), acesso em 20 de março de 2023

<sup>12</sup> [Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum, diz antropóloga](#), acesso em 20 de março de 2023

<sup>13</sup> <https://www.generonumero.media/atendimento-violencia-domestica-pandemia/>, acesso em 20 de março de 2023

deixava como única saída o silêncio. E, para aquelas que não possuíam um núcleo familiar próximo, restou a solidão.<sup>14, 15</sup>

Nesse contexto de isolamento e de luta, algumas pessoas foram se reinventando, buscando novas formas de agir e uma delas foi a Manuela d'Ávila. Manuela Pinto Vieira d'Ávila é uma mulher branca, filha de um engenheiro e uma desembargadora, nascida em 1981 em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Devido ao emprego da mãe, passou a infância morando em diversas cidades do Rio Grande do Sul, como São Lourenço do Sul, Pedro Osório e Rio Grande. Retornou à Porto Alegre aos 14 anos, onde mora até hoje. Fez praticamente toda a sua formação acadêmica inicial em instituições privadas<sup>16</sup>, sendo formada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). No ensino público, cursou Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e é mestra e doutoranda em Políticas Públicas pela UFRGS<sup>17</sup>. Possui três irmãs e um irmão, é casada com o músico e escritor Duca Leindecker, com quem possui uma filha, Laura, nascida em 2015 e um enteado, Guilherme, fruto do primeiro relacionamento do marido.

Na sua trajetória de luta, Manuela d'Ávila sempre esteve vinculada a movimentos estudantis e política partidária. Ingressou no movimento estudantil em 1999, se filiou ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em 2001, integrou a direção nacional da União da Juventude Socialista (UJS) e a vice-presidência da União Nacional dos Estudantes (UNE) de 2001 a 2003. Em 2004, aos 23 anos, foi eleita vereadora de Porto Alegre, entrando para história como a vereadora mais jovem eleita no município. Emendou esse mandato com dois seguidos de deputada federal pelo Rio Grande do Sul entre 2007 e 2015, alcançando recorde de votos em ambas as votações, sendo uma das deputadas mais votadas do Brasil; e um de deputada estadual de 2015 a 2019. Foi também derrotada nas urnas como candidata a

---

<sup>14</sup> [Brasileiro é povo que mais sente solidão na pandemia, aponta ranking - BBC News Brasil](#), acesso em 21 de março de 2023

<sup>15</sup> [A pandemia da COVID-19 tem aumentado a solidão e outros problemas sociais, especialmente para mulheres, aponta pesquisa da Mayo](#), acesso em 21 de Março de 2023

<sup>16</sup> Conforme dados disponíveis em [Biografia do\(a\) Deputado\(a\) Federal MANUELA D'ÁVILA](#), acesso em 11 de Maio de 2023.

<sup>17</sup> [E.](#), acesso em 11 de Maio de 2023

vice-presidente da República na eleição de 2018 e em três tentativas de candidatura à Prefeitura de Porto Alegre, em 2008, 2012 e 2020.<sup>18</sup>

Por ser mulher na política, Manuela sempre foi alvo de ataques machistas, misóginos, que se intensificaram após a maternidade<sup>19</sup>, e durante as eleições presidenciais de 2018, marcadas pelo uso de máquinas de produção e compartilhamento de conteúdos falsos, discursos de ódio e intolerância<sup>20</sup>. Após as eleições (a chapa Haddad/Manuela perdeu para a chapa Bolsonaro/Mourão), Manuela D'Ávila decidiu criar o Instituto E Se Fosse Você (ESFV)<sup>21</sup>, uma Organização Não-Governamental (ONG) que tem como “principal objetivo resgatar a ideia básica de empatia, através da criação de conteúdo de combate a fake news e ódio nas redes”<sup>22</sup>. A ONG é autofinanciada através da venda de produtos no site - principalmente livros do selo próprio - palestras, programas e afins.

Em 2019, foi criado o Selo Editorial do Instituto, que já conta com 5 livros publicados (a edição popular do livro *Revolução Laura - Reflexões sobre maternidade e resistência, E Se Fosse Você? Sobrevivendo às redes de ódio e fake news, a Coletânea Sempre Foi Sobre Nós: Relatos da violência política de gênero no Brasil, a Coletânea Rede de mentiras e de ódio: e se o alvo fosse você?, a Coletânea Cem anos da luta das mulheres pelo voto na Argentina, Brasil e Uruguai*<sup>23</sup>). Além do seu mote principal, o Instituto E Se Fosse Você também tem uma participação ativa na comunidade. Durante a pandemia de COVID-19, o Instituto organizou uma campanha chamada Abraço Virtual para ajudar famílias e organizações em situação de vulnerabilidade com doações de cestas básicas e itens de higiene, além de manter uma arrecadação permanente através da venda de livros e produtos no site, para doação de absorventes reutilizáveis para pessoas que

<sup>18</sup> Informações disponíveis em [Manuela d'Ávila – Wikipédia, a enciclopédia livre](#), acesso em 03 de Maio de 2023.

<sup>19</sup> Manuela é mãe de Laura, nascida em 2015, e sofreu diversos ataques durante a sua gestação e após o nascimento da filha, que percorreu o Brasil no colo da mãe durante as eleições presidenciais de 2018. Essa escolha por não esconder a maternidade, por construir um espaço público e político com a presença de uma criança, e toda a violência sofrida por elas nesse período foram relatados por Manuela no livro *Revolução Laura - Reflexões sobre maternidade e resistência* (2019).

<sup>20</sup> [Fake news marcaram as eleições de 2018; relembre as 10 mais emblemáticas](#), acesso em 03 de Maio de 2023

<sup>21</sup> Sobre esse ódio e as notícias falsas direcionadas a ela, Manuela d'Ávila lançou em 2020 o livro *E Se Fosse Você: Sobrevivendo às redes de ódio e fake news*, onde retoma algumas das violências sofridas, trabalha alguns conceitos e tenta fazer com que o leitor ou a leitora se torne parceiro na luta contra essa desinformação e ódio.

<sup>22</sup> [Sobre nós - E se fosse você?](#), acesso em 17 de Maio de 2023

<sup>23</sup> Além desses livros, publicados pelo Instituto ESFV, Manuela d'Ávila também tem dois livros publicados pela editora Planeta: *Por que lutamos? - Um livro sobre amor e liberdade* (2019) e *Somos as palavras que usamos* (2022).

menstruam em situação de pobreza menstrual. Segundo um documento disponibilizado pelo Instituto através do email de pessoas cadastradas na *newsletter* da Manuela d'Ávila, ao todo foram doadas através da campanha Abraço Virtual mais de 90 toneladas de alimentos, 5477 *kits* de alimentos e de produtos de higiene, 2500 pacotes de absorventes, entre outras coisas, com a ajuda de mais de 2000 doadores e também mais de 2000 absorventes ecológicos através da arrecadação contínua no site.

Com a ideia de aproveitar o momento de reclusão para aproximar as pessoas através da leitura, de criar um espaço de acolhimento em meio à dor e ao luto das perdas provocadas pela pandemia de COVID-19, de debater teoria a partir de histórias que sensibilizam e de discutir política através de narrativas femininas, em Junho de 2021, Manuela d'Ávila resolveu organizar um clube de leitura *online* com uma curadoria feita por ela de romances escritos por mulheres e com protagonistas mulheres.

Nessa mesma época eu estava desanimada. Além de estar cursando Produção Cultural em ensino remoto por três semestres (ainda devido às orientações de distanciamento social por conta da pandemia), acompanhando o país - mas principalmente o setor cultural - tentando se reinventar para se manter e se reerguer, e o governo dificultando o que podia, eu também estava enfrentando uma batalha na outra parte da minha vida. Sou médica, e estava há quase um ano trabalhando em uma Unidade de Terapia Intensiva para atendimento a pacientes graves com COVID-19. Como era uma doença nova, muito letal, da qual pouco se sabia a princípio, sem um protocolo instituído de cuidados e tratamento, sem uma prevenção efetiva, e com a vacinação demorando a chegar para todas as pessoas, foi um período de muitas dificuldades, dúvidas, incertezas, perdas e exaustão física e mental, que minaram minha concentração para livros em geral. Eu, que sempre fui uma leitora voraz, não conseguia virar as páginas. E, em busca de um incentivo e uma motivação para voltar a ler, foi que me inscrevi no Clube de Leitura da Manu. O resultado foi tão recompensador, que resolvi mudar a minha proposta de trabalho de conclusão de curso para apresentar os resultados dessa iniciativa simples, de fácil reprodução e adaptação a diferentes realidades, com o intuito de estimular a leitura de mulheres, a união de mulheres, de mostrar a força de uma liderança feminina e a potência das trocas e dos afetos entre mulheres, porque enquanto as narrativas forem contadas e controladas por homens, nós nunca seremos prioridades.

Este trabalho visa analisar um clube de leitura feminina como um caminho para discutir política e complexificar as vivências de mulheres participantes de um clube de leitura de realidades diversas.

Então, foi escolhido como objeto de estudo o Clube de Leitura da Manu, mais especificamente as três primeiras edições semestrais deste (2021.2; 2022.1 e 2022.2), pois foram as edições que só debateram livros escritos por autoras mulheres e que já estavam encerradas no momento de início da escrita deste trabalho. Como eu participei de todas as edições, eu tenho acesso a todo o material disponibilizado e gravado ao longo dessas edições. Dessa forma, realizei também a análise retroativa dos vídeos de leitura e debates, dos roteiros, das *lives* com convidadas (os) e dos livros, já com o foco no objetivo deste trabalho. Além disso, a fim de entender melhor o perfil das participantes e ter um retorno delas com relação a essas edições do Clube, foi aplicado um questionário *online* através da ferramenta *Google Forms*, que foi enviado com a ajuda da Ana Carolini Andres (a atual responsável pela equipe de suporte do Clube) por *email* para todas as pessoas que haviam feito as inscrições nas três primeiras edições semestrais dos clubes, totalizando 1266 participantes únicas. Obtivemos um retorno voluntário dentro do prazo estabelecido (de sete de Fevereiro de 2023 a primeiro de Março de 2023) de 226 pessoas, cerca de 18% do total. Também com a ajuda da Ana Carolini, tive acesso a uma planilha de dados dessas edições como gênero, número de bolsistas e distribuição de bolsas por categoria, distribuição geográfica das participantes, entre outros. Analisando grosseiramente alguns dados dentro da amostra obtida com os questionários, o número de participantes homens (3%), de bolsistas (11,5%), de pessoas brancas (72,5%) e a distribuição geográfica (18 estados brasileiros, de todas as regiões + 8 países), vi que se equiparava à média do todo e então concluí que era uma amostra bem representativa para conduzir a minha análise.

As respostas deste questionário foram analisadas de forma quantitativa e qualitativa, gerando dados interessantes para esta pesquisa. Também foi fundamental para enriquecer a análise, uma entrevista *online* gentilmente concedida pela idealizadora do Clube, Manuela d'Ávila, através da plataforma *Google Meet*, na manhã do dia 15 de Maio de 2023, que foi gravada e transcrita, com autorização para ser utilizada durante a minha argumentação.

A seguir, no primeiro capítulo eu apresento o meu objeto de estudo, o Clube de Leitura da Manu, explicando seu funcionamento, a lista dos livros lidos e, separadamente, trago dados quantitativos das participantes inscritas em todas as três edições analisadas. No segundo capítulo eu apresento a mediadora do Clube, Manuela d'Ávila, desenvolvendo sua relação com os livros e o Clube, e traço um perfil das participantes das três primeiras edições com base nos questionários aplicados. Já no terceiro capítulo eu analisei alguns dos temas mais presentes nos debates ao longo das leituras dos livros do Clube, sendo eles a economia do cuidado e as violências contra grupos oprimidos, utilizando autoras feministas que já problematizam esses temas, para explicar a importância da leitura coletiva de mulheres na vida das participantes do Clube.

## **1 - "Respeito muito minhas lágrimas, mas ainda mais minha risada"<sup>24</sup> - Como transformar um momento de sofrimento em um momento de ação: Apresentando o Clube de Leitura da Manu**

(...) um enigma perene a razão pela qual nenhuma mulher jamais escreveu qualquer palavra de uma literatura extraordinária, quando todo homem, ao que parece, é capaz de uma canção ou de soneto. Quais eram as condições em que as mulheres viviam?

Virginia Woolf

O distanciamento social e o conseqüente isolamento requeridos devido à pandemia de COVID-19, a paixão por leitura e por literatura, somados à vontade de se aproximar das pessoas (mesmo que virtualmente) e debater vida, com as suas diversas peculiaridades, fizeram a Manuela d'Ávila se movimentar para criar o Clube de Leitura da Manu. Como ela não é da área, ela se reuniu com dois amigos, o professor Julio Cesar Vellozo - historiador, mestre e doutor em História Social - e a professora Juliana Cunha - formada em Letras e em História, mestra e doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada, que a ajudaram a organizar, a aprofundar nas obras escolhidas e a elaborar roteiros e materiais complementares de cada obra. Junto ao Instituto E Se Fosse Você e uma equipe de profissionais, foi organizada também a logística de funcionamento do Clube, escolha de plataformas, melhor horário, valor, parcerias com editoras e livrarias para descontos nos livros, retorno social e afins. Dessa forma, em Junho de 2021, Manuela abriu as inscrições para a primeira edição do Clube de Leitura da Manu.

Como o Clube é restrito às pessoas inscritas e este trabalho pretende debater edições já finalizadas<sup>25</sup>, este capítulo se inicia apresentando a estrutura do Clube, todo o seu cronograma e funcionamento, a equipe de suporte e, finalmente, os livros lidos em cada edição e depois apresenta, de forma mais detalhada, o perfil de inscritas em cada uma das três primeiras edições, já introduzindo as minhas análises sobre o objeto em uma visão mais ampla, que será mais individualizada em capítulos seguintes.

---

<sup>24</sup> Trecho da música Vaca Profana, escrito por Caetano Veloso e eternizado na voz de Gal Costa.

<sup>25</sup> Cabe ressaltar que todas as edições já finalizadas do Clube de Leitura da Manu estão com as gravações disponíveis para compra através do site [Manuela d'Ávila](#), garantindo acesso a todo o conteúdo produzido e debatido durante a vigência do Clube em questão.

## 1.1 - O Clube de Leitura da Manu

O Clube de Leitura da Manu é um clube de leitura semestral criado, segundo a própria Manuela d'Ávila, para ajudar a ler mais e melhor junto com outras pessoas, para aprender coletivamente a ler mulheres, conhecer o universo fantástico através dos olhos delas e para ter um espaço seguro, que ajudasse a suportar o peso do momento em que o país se encontrava.<sup>26</sup>

O Clube funciona de forma totalmente *online* utilizando as plataformas *Instagram*, *Hotmart*, *Zoom*, *Telegram*, *Whatsapp*, *e-mails* e *Google Agenda*. As inscrições são pagas, feitas através da plataforma *Hotmart*, e não incluem os livros, que devem ser adquiridos à parte pela participante. O Clube sempre consegue junto às editoras e algumas livrarias cupons de desconto para as participantes, ajudando a adquirir os livros com preços mais acessíveis.

Com a inscrição no Clube as participantes têm acesso a encontros semanais em um perfil fechado do *Instagram*, onde a Manuela faz uma leitura que dura cerca de 30 minutos de algumas páginas pré selecionadas do livro do mês, seguido de uma conversa com quem solicita participar da *live*, onde debatem temas relacionados ao trecho lido ou à obra em si, totalizando cerca de 60 a 80 minutos de conteúdo por semana. Esses encontros são mais íntimos, pois a Manuela acaba conhecendo melhor as pessoas que pedem para participar, algumas ficando até já conhecidas ao longo do clube. Ao final do mês, acontece uma *live* especial, com algum convidado surpresa, em outra plataforma (no *Zoom*), com duração de cerca de uma hora, onde existe a possibilidade de todas as participantes ficarem de câmera aberta, dando uma sensação maior de coletividade ao encontro, porém, os microfones de todas ficam fechados, permitindo inicialmente apenas que a Manuela e a convidada façam suas considerações, para, ao final, abrir a fala para umas cinco ou seis participantes que tenham comentários ou perguntas para fazer à convidada do mês.

No início de cada novo ciclo de leitura, as participantes recebem através de todas as plataformas um calendário com a programação mensal das *lives* de leituras e debates (quase sempre terças às 19h), a sugestão de metas de leitura diária, e a data da *live* final, que varia de acordo com a disponibilidade e fuso horário da

---

<sup>26</sup> Fala de Manuela d'Ávila, na: **Live para tirar todas as dúvidas com Manu sobre o Clube**, Instagram, em 13 de Julho de 2021.

convidada do mês (muitas vezes a convidada foi a própria autora, que mora em outro país, e os horários eram os mais aleatórios possíveis).

Além desses encontros, o Clube também disponibiliza ao longo do mês vídeos complementares, com a Manuela explicando algo relevante relacionado à obra. Nesses vídeos ela traz explicações sobre o contexto histórico da obra, sobre disputas territoriais, regionalismos, vida da autora, impacto da obra, etc, podendo também trazer conteúdos produzidos por especialistas ou convidados, que ajudem a entender melhor a obra. Ao fim do mês, o roteiro utilizado para fazer esses vídeos é disponibilizado para *download* em arquivo de texto na plataforma *Hotmart* e o Clube sugere outras fontes para quem quiser se aprofundar no assunto, indicando leituras relacionadas, filmes, entrevistas, *podcasts* e afins.

O Clube conta com um grupo no *Telegram*, onde só entram as participantes que desejarem, e que é um espaço sem mediação (apesar de a Manuela e a equipe do suporte estarem presentes e eventualmente aparecerem para sanar algumas dúvidas ou lembrar de manter o espaço com segurança e afeto). É um espaço onde acontecem trocas de experiências com a leitura, surgem dúvidas, dicas, e até formação de grupos menores de acordo com proximidade geográfica ou afinidades das pessoas.

Para dúvidas mais específicas, o Clube conta com um suporte através do *Whatsapp*, onde as meninas que chamamos de gurias, Ana Carolini Andres (todas as edições até a atual), Juliana Dotte (primeira edição) e Juliana Marques (segunda e terceira edições) ficam a postos em horário comercial e durante as *lives*, para ajudar com qualquer problema técnico ou dificuldade que as participantes estejam enfrentando.

Todo o conteúdo do Clube fica gravado e, a princípio, disponível para sempre, ou enquanto essas plataformas (onde o conteúdo fica armazenado) existirem.

No início de cada edição, a Manuela pactua que o clube deve se tornar um espaço de acolhimento e que deve girar em torno de três palavras: PRAZER, CUIDADO E FELICIDADE. Na *live* de boas vindas do primeiro Clube ela disse que “o Clube é um espaço para garantir a nossa saúde mental durante esse período tão desastroso, tão intenso e tão triste que nós estamos vivendo”<sup>27</sup>. Ela diz que o Clube

---

<sup>27</sup> Fala de Manuela d’Ávila, na *live* **Boas Vindas da Manu ao Clube + informações iniciais**, *Hotmart*, em 04 de Julho de 2021.

não pode ser tratado como mais uma obrigação na vida das participantes, que não deve ser um compromisso chato, que não deve provocar ansiedade de cobranças nem frustração de metas não alcançadas. Na *live* de apresentação do Clube ela explicou que decidiu “começar com romances, com literatura, porque ler é a minha forma de me salvar, (...) faz com que eu pense o lugar que eu estou e tenha mais condições de lutar para transformar”<sup>28</sup>.

Em entrevista concedida para este trabalho, quando perguntada sobre esses pilares do Clube, que parecem se contrapor aos temas pesados abordados nos livros escolhidos, ela disse

...pra mim, me cuidar nunca vai ser negar a realidade. Então assim, se a gente tentar construir um espaço de autocuidado que seja sem a dor do mundo, ele é falso. Ele é tirar as pessoas do mundo. A nossa pergunta é: como se cuidar? Como conseguir estabelecer espaços de saúde mental neste mundo que a gente vive? Porque os livros são um acúmulo do que a gente vive. (...) Então, eu entendo que as pessoas, elas não querem fugir, elas querem mediar a relação delas com a realidade, e os livros fazem isso né? Os livros fazem isso de maneira que consegue tentar garantir a nossa saúde mental. (D'ÁVILA, 2023)

Na *live* de abertura ela ainda explicou que o objetivo do Clube é conhecer outras culturas e formas de escrita, é discutir sobre a situação das mulheres em diversas partes do mundo, e isso implica em temas pesados e difíceis, mas, ao invés de propor um debate teórico, a ideia é, a partir de uma história, extrair questões sobre gênero, política, feminismo, racismo, LGBTfobia, apagamento histórico, questões de classe, violência sexual, colonialismo, neocolonialismo, tutela sobre os corpos femininos, maternidade, relacionamentos abusivos, liberdade, enfim, refletir sobre ser mulher no mundo, baseada nas obras selecionadas e seus desdobramentos. Em adição, o objetivo do Clube é tornar a leitura um hábito, para quem ainda não o possui, ou aumentar o prazer em ler para quem já está habituado a ler sempre.

O Clube está se encaminhando (até o fim de 2023) para sua oitava edição. Cinco das edições “tradicionais”, semestrais (2021.2; 2022.1; 2022.2; 2023.1 e 2023.2), nas quais todos os livros selecionados são de autoras mulheres, preferencialmente com protagonistas mulheres (apenas um teve um protagonista homem), de diversas nacionalidades. Duas foram edições extras, sendo uma trimestral que homenageou Porto Alegre - cidade natal e onde vive a Manuela - com

---

<sup>28</sup> Fala de Manuela d'Ávila, na **Live para tirar todas as dúvidas com a Manu sobre o Clube, Hotmart**, em 13 de julho de 2021.

três livros de autores gaúchos muito potentes na literatura contemporânea (Paulo Scott, José Falero e Jeferson Tenório), e uma de um mês criada para ler, estudar e discutir toda a obra da Annie Ernaux, umas das autoras preferidas da Manuela d'Ávila, que tinha acabado de vencer o Prêmio Nobel de Literatura de 2022. A oitava será uma edição especial que promete inaugurar um novo ciclo, chamada Leituras Fundamentais, que programa, durante cinco meses, ler, aprofundar e discutir a obra *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves. Para efeito desta monografia, conforme explicado anteriormente, vamos focar nas três primeiras edições semestrais do Clube (2021.2; 2022.1 e 2022.2).

Os livros são escolhidos pela Manuela d'Ávila, através de um processo curatorial que varia a cada edição. A seguir, tento explicar resumidamente como se deu a escolha da lista de cada uma das edições estudadas.

Na primeira edição, a Manuela escolheu dar uma pequena volta ao mundo através da literatura e selecionou livros de mulheres de diferentes culturas, vivências, épocas e lugares. Foram eles:

1. *Baratas*, de Scholastique Mukasonga.
2. *Cidadã de segunda classe*, de Buchi Emecheta.
3. *Vista Chinesa*, de Tatiana Salem Levy.
4. *Suíte Tóquio*, de Giovana Madalosso.
5. *O conto da aia*, de Margaret Atwood.
6. *A vegetariana*, de Han Kang.

Na segunda edição, ela optou por aprofundar debates de gênero, raça, classe, ancestralidade e cultura a partir das seguintes obras:

1. *O Lugar*, de Annie Ernaux.
2. *Minha casa é onde estou*, de Igiaba Scego.
3. *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé.
4. *O parque das irmãs magníficas*, de Camila Sosa Villada.
5. *Garota, mulher, outras*, de Bernardine Evaristo.
6. *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei.

Já na terceira edição, a escolha foi mergulhar em literatura contemporânea, e o mais especial foi que a Manuela e a equipe conseguiram que todas as *lives* de encerramento fossem com as autoras do respectivo livro do mês. Foram eles:

1. *Cachorro Velho*, de Teresa Cárdenas.
2. *Sem Gentileza*, de Futhi Ntshingila.
3. *Açúcar Queimado*, de Avni Doshi.
4. *É sempre a hora da nossa morte amém*, de Mariana Salomão Carrara.
5. *Tudo de bom vai acontecer*, de Sefi Atta.
6. *Kentukis*, de Samanta Schweblin.<sup>29</sup>

Com o entendimento de como é o Clube, vamos analisar em números cada uma das três primeiras edições.

## **1.2 - As três primeiras edições semestrais do Clube de Leitura da Manu**

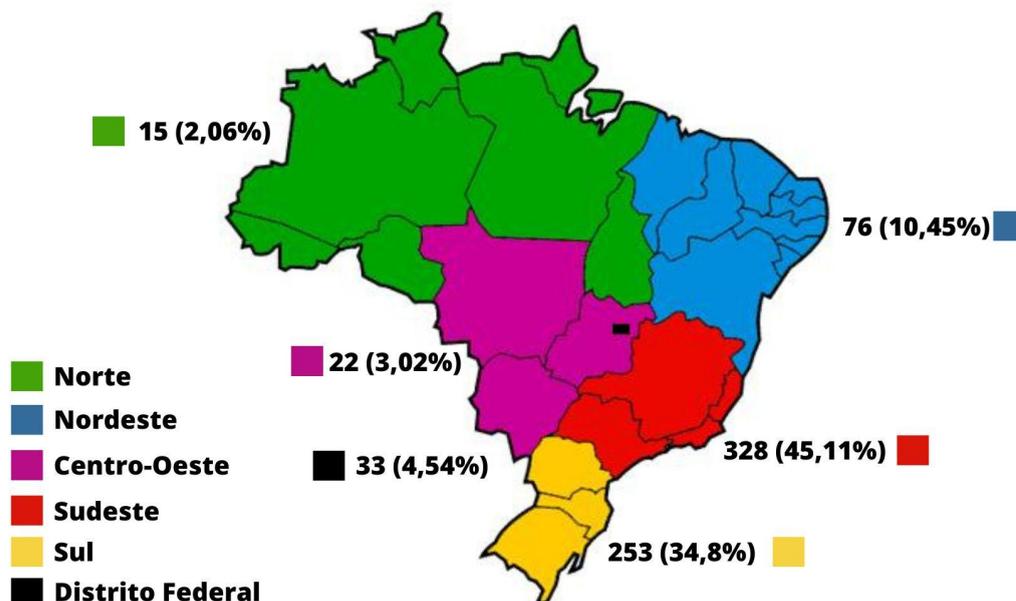
Segundo dados do Clube obtidos através da equipe de suporte, a primeira edição do Clube (2021.2) contou com 754 pessoas inscritas, sendo 732 mulheres e 22 homens, de todos os Estados do Brasil, com a grande maioria do Rio Grande do Sul (190), seguido de São Paulo (151) e Rio de Janeiro (100), além de pessoas espalhadas por mais 14 países ao redor do mundo, sendo sete nos E.U.A. e quatro na França.

---

<sup>29</sup> Vide Anexo 1 para informações de todas as autoras e autores citados.

Figura 1 -

## Distribuição das participantes do Clube de Leitura 2021.2 por regiões brasileiras



Fonte: Imagem editada pela autora sobre mapa disponível em [As Cinco Regiões do Brasil - Cola da Web](#), acesso em 08 de Maio de 2023

Nesta edição, o Clube, em parceria com o Instituto ESFV, promoveu uma ação social no ato de inscrição, em que a pessoa podia optar por se inscrever pagando um pequeno valor a mais que seria destinado à compra de absorventes reutilizáveis para distribuir para pessoas em situação de pobreza menstrual em comunidades de Porto Alegre. Com as doações e os esforços da equipe do Clube, foram doadas 600 unidades de absorventes reutilizáveis.

Para o lançamento da primeira edição do Clube, Manuela d'Ávila utilizou suas redes sociais (*Instagram*, *Facebook*, lista de *emails*) para divulgar as inscrições e os livros, atingindo basicamente pessoas de um perfil bem particular: uma cor predominante (branca), um gênero majoritário (feminino) e uma classe social específica (classe média/média alta). Quando perguntada na entrevista sobre essa escolha de manter a divulgação restrita às suas redes sociais, Manuela disse que esse recurso foi utilizado para não se expor a ambientes de violência. Porém, disse ela, o Clube tem um custo, uma estrutura, uma equipe por trás, então precisa ser cobrado para manter tudo funcionando (o valor do Clube gira em torno de 25 a 30%

do salário mínimo nacional vigente<sup>30</sup>). E aí, quando terminaram as inscrições do Clube e os encontros começaram “(...) a gente se deu conta da questão óbvia né? Quando envolve pagamento, envolve classe, e aí tem a questão racial por trás” (D’ÁVILA, 2023).

Segundo dados do IBGE (2021), o rendimento médio mensal domiciliar *per capita* (RDPC) da população brasileira autodeclarada branca (R\$ 1.866) é praticamente o dobro se comparado com a população autodeclarada preta e/ou parda (R\$ 949 a R\$ 965) e o RDPC da população do Norte e Nordeste (R\$ 871 e R\$ 843, respectivamente) é praticamente metade do RDPC da população do Sul e Sudeste (R\$ 1656 e R\$ 1645, respectivamente). O valor do RDPC é também menor entre mulheres comparativamente com os homens da mesma cor ou raça, tendo a maior diferença quando se compara o RDPC das mulheres pretas e/ou pardas (R\$ 902 a R\$ 922) com o RDPC dos homens brancos (R\$ 1919), tanto nacionalmente como em todas as unidades da federação<sup>31</sup>. Essa desigualdade social é um dos pilares do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), mecanismo que estrutura a sociedade e dificulta que pessoas não-brancas acessem determinados lugares como, nesse caso, um clube de leitura, com uma taxa de inscrição relativamente cara e com o preço dos livros sempre elevados no Brasil.

Buscando soluções para essa situação, a Manuela d’Ávila lançou para a segunda edição do Clube uma proposta de bolsas sociais, onde o Clube disponibiliza gratuitamente a inscrição e fornece alguns kits de livros (através de parcerias com as editoras e de porcentagem da venda dos livros pelo Instituto ESFV), e dá a oportunidade de as participantes também contribuírem, optando, no processo de inscrição, por pagar um valor a mais, a ser destinado para a compra de mais kits de livros e, conseqüentemente, de mais bolsas sociais.

Assim, a segunda edição do Clube (2022.1) ficou muito parecida com a primeira em números totais e distribuição geográfica, contando com um total de 745

---

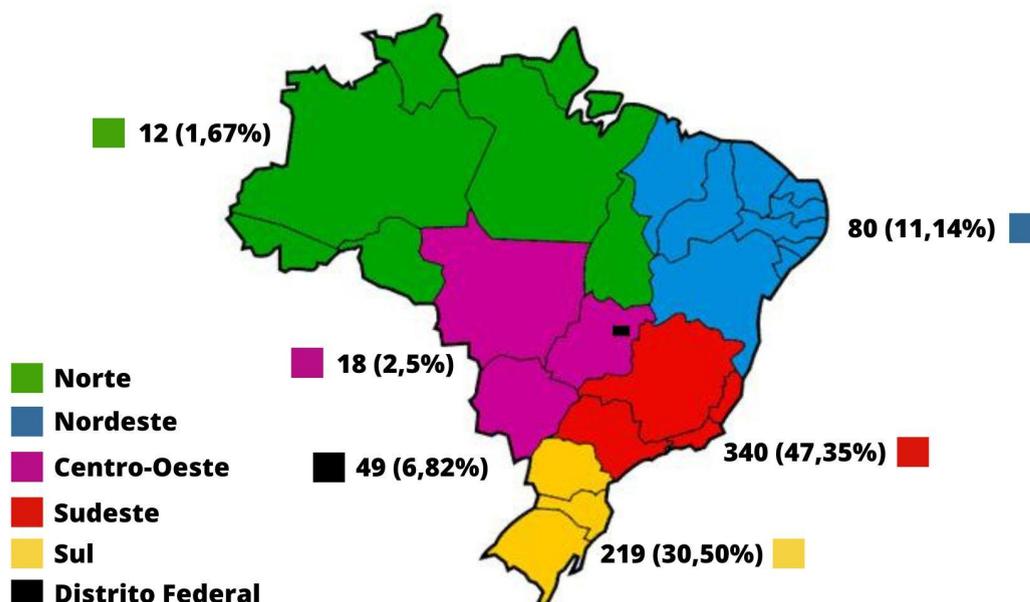
<sup>30</sup> O valor do Clube foi de R\$ 257,00 a R\$ 417,00 nas edições analisadas, podendo incluir um acréscimo de cerca de 30,00 a 40,00 para contribuição de bolsas sociais e também um desconto de cerca de 10 a 20% para assinantes da *newsletter* da Manuela ou participantes de edições anteriores. Esse valor é pago através da Plataforma *Hotmart*, podendo ser parcelado com juros no cartão de crédito.

<sup>31</sup> Dados do IBGE, obtidos através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2021, tabelados e disponíveis em [Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil | IBGE](#), acesso em 31 de Maio de 2023.

participantes, ainda mantendo a maioria esmagadora feminina (98,4%) e a abrangência em todo o território nacional e também internacional.

**Figura 2 -**

**Distribuição das participantes do Clube de Leitura 2022.1 por regiões brasileiras**



Fonte: Imagem editada pela autora sobre mapa disponível em [As Cinco Regiões do Brasil - Cola da Web](#), acesso em 08 de Maio de 2023

A novidade foi a entrada de 94 bolsistas (sendo 50 bolsas disponibilizadas diretamente pelo Clube e 44 bolsas acrescentadas após a doação de algumas participantes), contemplando 83 pessoas negras, quatro pessoas trans/não-binárias, quatro pessoas com deficiência e três mães solo, promovendo uma maior diversidade de falas, de experiências e trocas mais potentes ao longo dos encontros<sup>32</sup>. A proposta de bolsas sociais foi muito bem aceita pelas participantes que se manifestaram ao longo do Clube, então a iniciativa se manteve nos clubes seguintes.

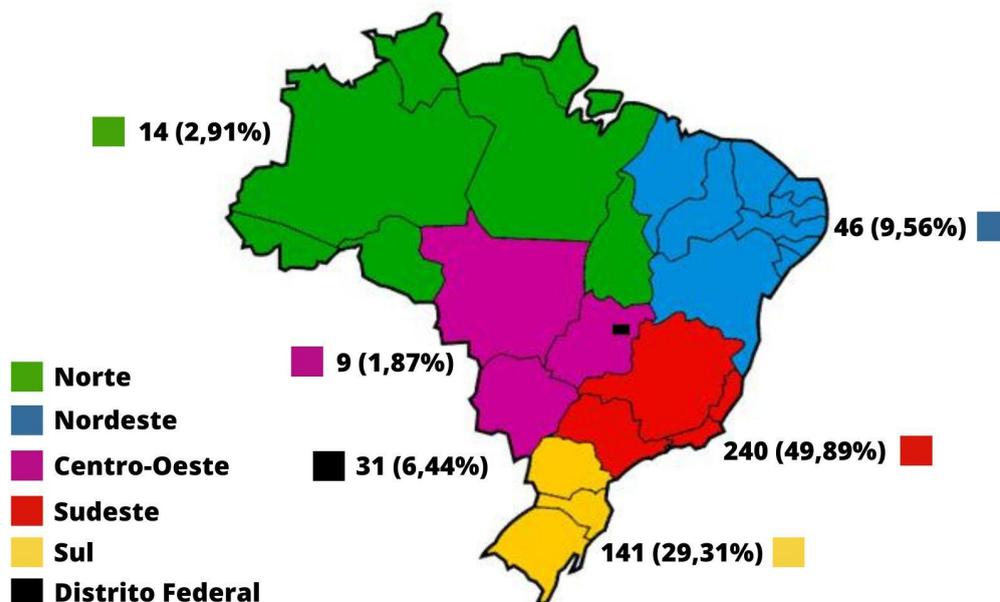
No segundo semestre de 2022, já com um outro estágio da pandemia de COVID-19, com a vida retornando ao normal devido à ampla vacinação, uma grande parte das pessoas já estava exausta de encontros *online*. No entanto, com a capilaridade do Clube em todo o Brasil e inclusive no exterior, a Manuela optou por manter o clube 100% *online*. Dito isto, na terceira edição (2022.2) houve um menor

<sup>32</sup> O impacto das bolsistas nos debates e o perfil da maioria das participantes será desenvolvido no próximo capítulo.

número de inscritas, 566 no total, com 98% de mulheres, mas manteve um número relevante de bolsistas (69), sendo 57 pessoas negras, cinco pessoas trans, cinco indígenas e duas pessoas com deficiência.

**Figura 3 -**

**Distribuição das participantes do Clube de Leitura 2022.2 por regiões brasileiras**



Fonte: Imagem editada pela autora sobre mapa disponível em [As Cinco Regiões do Brasil - Cola da Web](#), acesso em 08 de Maio de 2023

**Tabela 1 - Distribuição de participantes por edição por gênero declarado na inscrição**

Edição do Clube / Gênero declarado	Mulheres	Homens	Homens Trans	Não-Binário	Total
Clube 2021.2	732	22	0	0	754
Clube 2022.1	732	9	2	2	745
Clube 2022.2	555	9	1	1	566

Fonte: autora (2023)

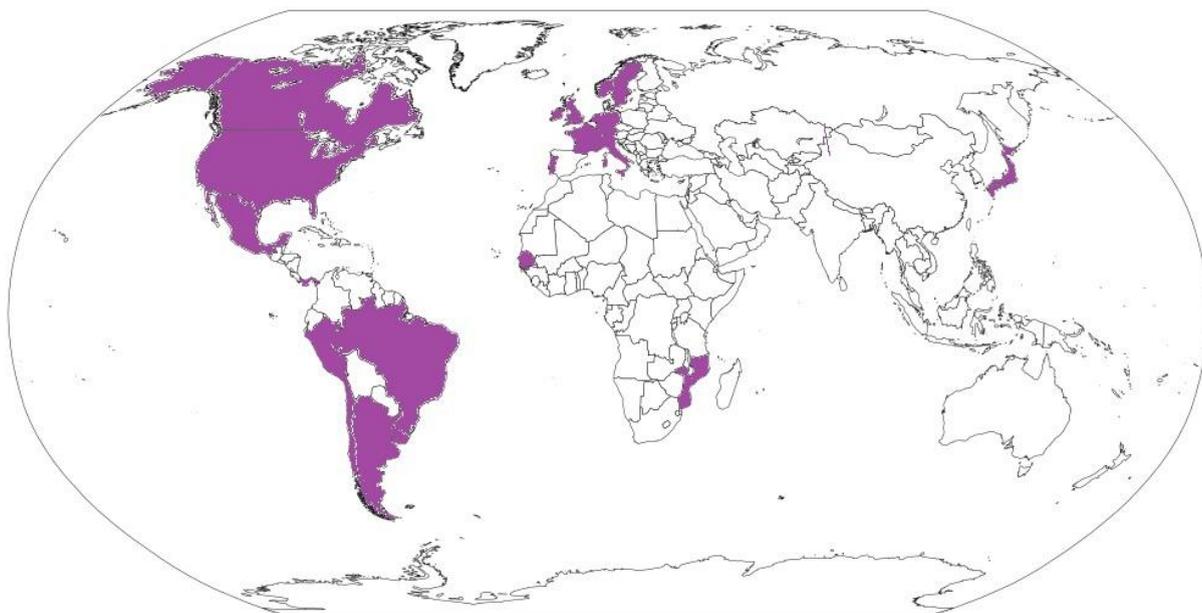
Tabela 2 - Destinação das bolsas sociais por edição

Edição do Clube / Categorias	Pessoas Negras	Pessoas trans	Pessoas com deficiência	Mães Solo	Indígenas	Total
Clube 2021.2*	-	-	-	-	-	0
Clube 2022.1	83	4	4	3	0	94
Clube 2022.2	57	5	2	0	5	69

\*Não foram concedidas bolsas sociais na primeira edição

Fonte: autora (2023)

Figura 4 - Distribuição geográfica das participantes das três edições do Clube



Fonte: Imagem editada pela autora sobre mapa disponível em [Blog de Geografia: Mapa-múndi para colorir](#), acesso em 09 de Maio de 2023

É importante destacar que a Manuela faz questão de manter as bolsas apenas com a possibilidade de envio dos livros para as bolsistas, para que elas tenham a experiência completa de participar do clube, recebendo os livros em suas casas, acompanhando as leituras, fazendo suas anotações e até compartilhando depois com pessoas próximas. Segundo ela, o objetivo é criar essa relação com o

livro, com a leitura. Todo o conteúdo gravado é apenas para estimular essa relação. Porém, como o livro é um produto caro no Brasil, mesmo com todo o esforço junto às editoras e livrarias, e com o apoio de dezenas de participantes do Clube contribuindo com um valor adicional na inscrição para as bolsas sociais e até mesmo doando alguns livros para compor os kits, o número total de bolsas não consegue ser maior do que 10-15% do total de inscritas por edição.

Além do número muito reduzido de pessoas não brancas na primeira edição, que foi parcialmente resolvido com a instituição das bolsas sociais, outro número que chama muita atenção é a baixa adesão de homens no Clube (vide Tabela 1). Já vimos nos dados do IBGE que não se justifica por questão econômica, visto que homens fazem parte do grupo mais privilegiado economicamente do Brasil. Sobre esse número já inicialmente pequeno (3% na primeira edição) e que foi apenas se reduzindo ainda mais (menos de 2% nas edições seguintes), a Manuela d'Ávila disse na entrevista:

(...) os homens não tem interesse em ler autoras mulheres! A gente constatou isso com o aumento de participação deles no Clube que leu três autores homens (se referindo à edição extra do Clube, que leu Jeferson Tenório, Paulo Scott e José Falero). Então assim, a gente tem uma média de participação no Clube de 3 a 4% (na verdade, a participação de homens no Clube é de 1 a 3%, conforme detalhado na Tabela 1), e naquele Clube, eu não me lembro a estatística de cabeça, eu só sei que foi superior a 10%, ou seja, dobrou (ou triplicou) a participação e é estatisticamente relevante né? E era um Clube que não leu mulheres, eram 3 autores homens - negros - mas eram todos autores homens. Então essa é uma questão. Segundo que a mediadora sou eu, e os homens também não emprestam muita credibilidade para uma mulher. Então eu acho que é uma combinação exclusiva de questões que afastam os homens. (D'ÁVILA, 2023)

Ou seja, apesar de a Manuela ter o que Bourdieu (1996, 1998) chama de um capital acumulado - econômico, social e cultural - sendo branca, de classe média, pós graduada, uma figura pública nacionalmente conhecida e - pelos seguidores dela (que foram o público-alvo dos Clubes) - respeitada, esse *status* social não conferiu a ela o poder simbólico (BOURDIEU, 1996), o prestígio necessário entre os homens para se inscreverem em um Clube de Leitura mediado por ela, mesmo no Clube que leu autores homens. Porque ela pode ter todo esse capital mas ela ainda faz parte de um grupo oprimido porque ela é mulher, e o patriarcado, segundo a Márcia Tiburi (2018), controla o conhecimento e a ideia de verdade, é um sistema próprio de saber com suas regras, e, esse sistema está nas mãos de homens brancos. E esse lugar da mulher, de ser inferior, de estar submissa, de não ocupar espaços, de não ter o poder de enunciação, de estar restrita à casa e aos cuidados

foi historicamente tão bem construído e está tão sedimentado, que parece “natural” para os homens que eles não estejam incluídos nesse espaço, liderado por uma mulher e que se dirige ao geral usando pronomes e artigos femininos. Quando é usada a generalização com pronomes e artigos masculinos para um grupo, mesmo que contenha apenas um homem em meio a tantas mulheres, esse espaço nunca é questionado. Porque

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça (...) (BOURDIEU, 2010, p.18)

Manuela inclusive destacou isso na entrevista, que aconteceu uma certa triagem de público pela simples escolha de usar o feminino universal nas propagandas do Clube. Ela diz que recebe dezenas de perguntas de seus seguidores homens questionando se o Clube aceita homens, se eles podem participar, por quê que está no feminino, etc. Ela reflete sobre o impacto que essa simples escolha causa: “Para ver como dá a impressão que o mundo não é da pessoa quando tem a flexão de gênero, né?” (D’ÁVILA, 2023). Simone de Beauvoir (1970), em seu livro *O Segundo Sexo*, já trazia o conceito do outro, a partir da crítica de que

...há um tipo humano absoluto que é o masculino. (...) A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. (...) O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1970, p.10).

Essa alteridade universal do feminino faz com que os homens não se sintam bem vindos, não se sintam incluídos, pelo simples fato de o convite não estar no masculino, apesar de ser um clube mediado por uma mulher feminista. Desconstruir essa universalidade do sujeito masculino também parece ser um dos objetivos intrínsecos do Clube. Além disso, foi também citado por Manuela como um dos motivos que afasta os homens do Clube a falta de interesse em ler autoras mulheres. Este fator pode ser ainda mais marcante se lembrarmos que, das 18 autoras escolhidas pela Manuela nas três primeiras edições do Clube, dez são não-brancas, sendo oito negras. Grada Kilomba (2020) aprofundou esse conceito do *Outro* beaivoriano dizendo que, se a mulher branca é o Outro do sujeito universal, a mulher negra é o outro do Outro. A desvalorização histórica do conhecimento produzido por pessoas negras faz com que essas leituras sejam ainda menos

dignas de curiosidade, que não haja disposição por parte dos homens para passar meses lendo e debatendo histórias escritas por um grupo que eles consideram subalterno e subordinados.

Sabendo como está estruturado o Clube, por quem ele é conduzido, como ele funciona, quais foram as leituras propostas, qual o perfil médio das participantes e de onde eu parto para fazer minhas análises, na sequência eu me proponho a aprofundar os conflitos e a tentar identificar as inquietudes que esta iniciativa provocou dentro desse grupo de pessoas e o impacto na cadeia do livro no Brasil.

## **2 - "E em tudo que eu faço, existe um porquê"<sup>33</sup> - A potência da leitura coletiva de mulheres, por mulheres e com mulheres: Entendendo a Manuela d'Ávila e o perfil das participantes do Clube de Leitura da Manu**

A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Paulo Freire

Quando eu me inscrevi na primeira edição do Clube de Leitura da Manu, não estava nos meus planos fazer dele meu objeto de estudo. Portanto, eu participei das leituras, das *lives*, das discussões através dos chats e dos aplicativos de mensagens apenas como mais uma das participantes do Clube, analisando as obras literárias e absorvendo os pontos levantados, porém sem um objetivo definido, apenas pelo prazer de estar ali. No entanto, após decidir realizar minha monografia analisando este objeto, eu me dediquei a reassistir os vídeos gravados com outro olhar, já como pesquisadora, analisando as escolhas, as falas, as reações, os comentários, as participações e questionando fatores que não necessariamente tinham sido percebidos por mim num primeiro momento. A minha participação prévia, o conhecimento que eu adquiri ao longo do Clube, as pessoas que eu conheci e mantive contato e as leituras que chegaram até mim através do Clube também influenciaram no meu modo de observar e analisar todo o material revisado nesse processo.

Wolfgang Iser (1996), em sua obra *O Ato da Leitura*, descreve a relação do leitor com a obra literária sugerindo que uma obra só encontra o seu sentido final após o contato com o leitor, só se realiza com o encontro com uma "consciência receptora" (ISER, 1996, p.51). Nessa minha análise retroativa dos vídeos eu percebi que eu, como a consciência receptora, havia mudado nos últimos meses e, portanto, os livros passaram a comunicar diferente para mim, assim como os vídeos - que aqui vou tomar a liberdade de comparar com as obras literárias citadas por Iser - ganharam outros significados.

Dessa forma, o que trago neste capítulo é uma visão da mediadora sobre o seu projeto, com pontos abordados durante a entrevista concedida por Manuela d'Ávila para esta pesquisa e uma análise dos questionários aplicados, trazendo a

---

<sup>33</sup> Trecho da música *Agora só falta você*, de Rita Lee.

visão das participantes sobre o Clube, pontos positivos, negativos e impacto na vida delas.

## 2.1 - Manuela d'Ávila e o Clube de Leitura da Manu

A nossa visão de mundo, a nossa leitura de mundo, as nossas interpretações do que lemos e do que ocorre ao nosso redor, são construídos através de quem somos, a que fomos expostos, das dimensões sociais e políticas em que fomos criados e nos formamos. Dessa forma, a criação e a mediação do Clube se dá a partir de uma pessoa e de um lugar social que essa pessoa ocupa, e, quais as condições sociais e experiências que a pessoa compartilha com o grupo. Apesar de continuar sempre atuando politicamente em diversas frentes<sup>34</sup>, desde as Eleições 2018 que Manuela d'Ávila não ocupa oficialmente nenhum cargo político, por escolha dela de não concorrer, para ficar próxima da sua filha Laura, por segurança ou outros motivos pessoais. Na entrevista ela disse que, após tantos anos ocupando cargos políticos, ela se deu conta de que aprovar lei é importante, disputar eleição é importante, mas

(...) no saldo de gols da vida, é mais importante aquilo que a gente influencia as pessoas. Então, se fosse me perguntar hoje, por exemplo, a coisa mais importante que eu fiz na política foi mostrar que era possível construir uma vivência reconstruindo a maternidade. Não só porque eu levava a Laura, porque eu também não a levava. Porque eu concorri a eleição de 18 mas eu não concorri a de 22, e todo mundo sabe as razões e elas têm relação com a mesma coisa, embora as pessoas gostem mais de um lugar do que de outro né? Então assim, pra mim isso é importante. Pra mim é muito importante a influência política de mostrar que a pessoa, não vou nem fazer no impositivo mas, deveria ser uma condição *sine qua non* para alguém poder representar o povo, estudar, se dedicar...E os livros são uma das maneiras, não são a única, mas são uma das principais maneiras, digamos assim, de mediar essa relação com o que a humanidade produz, com o que a gente produz culturalmente. (D'ÁVILA, 2023)

---

<sup>34</sup> Em fevereiro de 2023, Manuela passou a integrar e presidir um Grupo de Trabalho do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania que teve a missão de estudar e discutir estratégias para combater o discurso de ódio e desestimular o extremismo no país. A equipe foi formada por especialistas de várias áreas, estudiosos, comunicadores, influenciadores digitais, dentre outros, que tiveram como competência a proposição de políticas públicas em direitos humanos sobre o tema. O grupo produziu, ao fim de 180 dias, um relatório final das atividades que foi encaminhado ao ministro para avaliação. São 24 representantes da Sociedade Civil, profissionais e estudiosos de várias áreas que se dedicaram a pensar na formação para uma cultura de paz e preservação da dignidade humana. Confira a íntegra do relatório em [MDHC entrega relatório com propostas para enfrentar o discurso de ódio e o extremismo no Brasil](#).

Interessante a Manuela destacar a sua forma de maternagem como a coisa mais importante da sua carreira política pois a sociedade, mesmo a parte dela constituída de mulheres feministas e mães, ainda é muito patriarcal nesse sentido. Cobra das mulheres a abdicação de suas vidas e carreiras para priorizar o maternar, mas também critica quando a mulher mãe opta por continuar ocupando espaços e, para que isso aconteça, por vezes necessita terceirizar a criação dos filhos e filhas. Sobre esse aspecto, bell hooks (2019) trouxe que

A parentalidade feminina é um trabalho relevante e valioso que precisa ser reconhecido como tal por qualquer pessoa, incluindo as ativistas feministas. Ela deveria ser reconhecida, louvada e celebrada dentro de um contexto feminista em que se conta com o renovado esforço para repensar a natureza da maternidade; para fazer com que a maternidade não seja para as mulheres nem uma experiência compulsória, nem uma fonte de exploração e opressão; para tornar a parentalidade feminina algo bom e efetivo, quer seja realizada em conjunto com um parceiro, quer seja feita exclusivamente pela mulher. (hooks, 2019, p.199)

A Manuela mãe sempre esteve presente durante os encontros do Clube. Várias vezes a Laura fazia uma aparição nas *lives* do *Instagram*, principalmente quando estava chegando da escola e queria apenas dar um beijo em sua mãe, ou a Manuela citava alguma frase que a filha tinha falado e a surpreendeu, ou vestia uma blusa que tem um bordado representando um desenho feito pela Laura e até mesmo em uma *live* que aconteceu de forma híbrida em Porto Alegre - presencial e virtualmente - a Laura derrubou uma garrafa d'água e arrancou gargalhadas da mãe e de todas as presentes. Essa maternidade exposta, sem remorso, sem culpa, acabou estimulando algumas participantes a também entrarem para falar mesmo com seus filhos segurando o telefone, interrompendo para fazer perguntas, uma participante foi neste encontro híbrido relatado acima com seu bebê no colo, e muitas delas referiam que se animaram a entrar porque viram a Laura e entenderam que não precisam se desculpar ou se privar de aparecer por serem mães, mostrando que o exemplo realmente promove reações em cadeia.

Nesse turbilhão de vida pessoal e profissional, pensar em organizar um clube de leitura talvez não seja um caminho natural. Na entrevista, pedi para a Manuela explicar como surgiu a ideia do Clube:

Foi um processo bem longo assim meu né? Eu comecei a publicar eventualmente os livros que lia no Instagram. (...) Como eu acordo muito cedo, eu comecei na pandemia a fazer uns programas que a gente chamava 'café da manhã', e a gente conversava com as pessoas, era o horário que eu lia antes e aí eu comecei a me dar conta que aquilo gerava um impacto positivo, porque esse é um debate que a gente que trabalha com comunicação sempre faz. A gente influencia o quê? E eu comecei a

me dar conta que talvez aquilo fosse a coisa mais legal das minhas redes, as pessoas começarem a ler livros porque eu tinha indicado os livros. (...) Então, isso sempre foi uma coisa minha, só que as pessoas não sabiam disso, só as pessoas que conviviam comigo. Daí, começou a ter realmente um impacto positivo, das editoras me dizerem: “Nossa, tu publicou tal livro e o estoque dele acabou!”. E eu entendo um pouco assim desse mercado editorial, principalmente das editoras menores, que um pouco a gente também sempre tenta privilegiar no clube, tem vários recortes no clube que a gente faz. (D’ÁVILA, 2023)

Então, ela percebeu que o prestígio conquistado ao longo da sua carreira política e do seu ativismo, estava virando um selo de qualidade na divulgação de suas leituras, e decidiu aprofundar em uma curadoria mais organizada e objetiva, criando o Clube após conversas com seus amigos Júlio Velloso e Juliana Cunha.

Na primeira edição do Clube, iniciada em Julho/2021, Manuela se mostrava muito feliz com alguns resultados imediatos que estava percebendo, seja através de depoimentos das participantes, seja com retorno das editoras, pois a procura pelos livros do Clube ajudou a fomentar a cadeia do livro e da leitura, movimentando pequenas livrarias e pequenas editoras e apresentando autoras já consagradas para algumas pessoas que não tinham tido contato com elas. A Editora Nós, por exemplo, ficou sem estoque do livro *Baratas*, da autora Scholastique Mukasonga, após a imensa procura por este livro, que foi o primeiro lido e discutido no Clube (e, até o presente momento de escrita deste trabalho, segue sem estoque disponível na editora e nas principais livrarias do Brasil, assim como nos sites das grandes corporações). O mesmo aconteceu depois com o livro *Minha casa é onde estou*, da Igiaba Scego, da mesma editora e com o livro *O lugar*, da Annie Ernaux, publicado pela Fósforo Editora, que acabou ganhando nova tiragem e ampla divulgação após o resultado do Prêmio Nobel de Literatura de 2022 que laureou a autora.

O que aconteceu também foi que as escolhas acabaram impulsionando o trabalho de autoras nacionais, como a autora Giovana Madalosso comentando durante a *live* de encerramento do mês dedicado ao livro dela, *Suíte Tóquio*, que se surpreendeu positivamente com a capilaridade do Clube, pois estava divulgando seu trabalho em Portugal e foi abordada por uma portuguesa que a conhecia e tinha lido sua obra por estar participando desse Clube de Leitura. Outra forma de prestigiar autoras nacionais foi a participação como convidada da jornalista Rosane Borges, que fez uma *live* durante o mês de leitura do livro da Giovana para discutir feminismo interseccional e, durante a *live*, algumas participantes ficaram tão

encantadas com a sua fala que já se adiantaram em adquirir o seu livro recém lançado à época, *Fragmentos do tempo presente*.

Ainda sobre o processo de criação do Clube, a Manuela destaca o papel fundamental da Nanni Rios, uma livreira proprietária da Livraria Baleia<sup>35</sup>, que foi crucial nesse retorno dela às leituras com mais frequência e rigor, principalmente com o fim de seus mandatos políticos e com o crescimento da Laura. Sobre o maternar, Manuela afirma que também era muito questionada sobre como conseguia conciliar a maternidade com tanta leitura, e ela tentou encaixar esse aspecto na experiência do Clube, estabelecendo metas diárias de leitura factíveis com o caos que a maternidade causa na vida das mulheres.

No primeiro mês do Clube, estimulada por esse retorno que ela estava tendo da venda dos livros que ela indicava, pelos elogios recebidos pela excelente curadoria dos livros selecionados e pelo seu interesse em incentivar pequenas livrarias e pequenas editoras, a Manuela providenciou uma *live* extra com a Nanni Rios, com a ideia de tentar estimular as participantes do Clube a estabelecerem uma relação de proximidade e de confiança com algum livreiro ou livreira próximo, explicar a importância de apoiar pequenas livrarias, criticar a forma abusiva e desleal de comercialização de livros através de grandes corporações (como a *Amazon*) e incentivar a ida às livrarias como um ato político.

Essa visível empolgação inicial da Manuela com o Clube, com os encontros semanais, com o retorno das participantes e com os debates gerados se estendeu até a segunda edição do Clube, quando ela se dizia muito feliz principalmente por ter conseguido inserir as bolsistas na edição, além de ter escolhidos livros que iriam ampliar o debate diante de assuntos que se mostraram pouco presentes na realidade da maioria das participantes do Clube, como a diversidade das identidades de gênero. Os meses de leitura dos livros *O parque das irmãs magníficas*, escrito pela travesti Camila Sosa Villada, que narra em forma de realismo fantástico a vida dessa população na Argentina e *Garota, mulher, outras*, da Bernardine Evaristo, que passeia por histórias de diversas mulheres e apresenta homossexualidade, personagem trans, não-binário e relacionamentos abertos, geraram debates profundos e muitos aprendizados.

---

<sup>35</sup> A Livraria Baleia é uma pequena livraria situada em Porto Alegre, com estantes dedicadas à literatura de autoria feminista, às temáticas de gênero e direitos humanos.

Já na terceira edição do Clube, o clima ficou um pouco diferente. Apesar de a Manuela ter mantido a excelente curadoria, o compromisso com a pontualidade e o esforço em providenciar *lives* com as autoras (foi a primeira edição do Clube com participação de todas as autoras nas *lives* de encerramento mensais), algumas mudanças no cenário sanitário e político modificaram um pouco a leveza com que o Clube estava sendo conduzido, mesmo com os temas pesados debatidos. Com a vacinação já avançada<sup>36</sup>, a liberação do uso de máscaras<sup>37</sup> e a vida voltando ao “normal”<sup>38</sup>, as pessoas estavam exaustas de vida *online* e essa edição teve uma queda de cerca de 25% no número de inscritas (vide Tabela 1), e as que permaneceram nem sempre entravam ao vivo para participar dos debates. Além disso, o segundo semestre de 2022 se caracterizou pela intensificação da campanha eleitoral brasileira, com a polarização Lula x Bolsonaro<sup>39,40</sup> provocando desavenças familiares<sup>41</sup>, aumentando o nível de estresse nos ambientes de trabalho e lazer e também, possivelmente, justificando a exaustão por vezes percebida na fisionomia da Manuela e das participantes que entraram nas *lives*.

Mesmo com um semestre difícil, atribulado e mentalmente desafiador, a Manuela optou por manter o Clube com a mesma regularidade, as mesmas metas, a mesma pontualidade, o que mostra o quão prioritário parece estar sendo o Clube na vida dela. Sobre essa importância do Clube na vida dela atualmente e que lugar que ele ocupa, ela disse na entrevista

(...) o Clube hoje ele é várias coisas para mim. Então, primeiro, eu sou muito, muito disciplinada. Então ele é também um trabalho, porque para ele se impor sobre outros trabalhos eu tenho que ver ele assim. Eu, por exemplo, nunca deixei de apresentar nenhum Clube, nem com o cóccix quebrado, nem doente, nem sem voz, nem às vezes que eu achei que eu poderia, como qualquer pessoa, porque realmente eu ordeno ele como a prioridade organizadora da minha vida, dos meus compromissos, das minhas agendas, porque senão ele não ia existir, pelo simples fato de que

---

<sup>36</sup>

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/um-ano-de-vacinacao-contracovid-apos-inicio-problematico-brasil-avanca>, acesso em 11 de maio de 2023

<sup>37</sup> [Uso de máscara deixa de ser obrigatório em todos os estados brasileiros](#), acesso em 11 de Maio de 2023

<sup>38</sup> [E aos poucos, a vida vai voltando ao normal... - Diário de Uberlândia | jornal impresso e online](#), acesso em 11 de Maio de 2023

<sup>39</sup> [Polarização Política e suas implicações nas eleições presidenciais | Politize!](#), acesso em 17 de Julho de 2023

<sup>40</sup> Para mais detalhes, ver o documento *As faces de um país em disputa*, disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2022/09/Pai%CC%81s-em-disputa-web.pdf>, acesso em 17 de Julho de 2023

<sup>41</sup> [Leonardo e João Guilherme, Gagliassos: eleição divide famílias dos famosos](#), acesso em 17 de Julho de 2023

senão ele não ia existir né, porque realmente é um volume de coisas muito grande. (D'ÁVILA, 2023)

#### Ela continua dizendo que o Clube

(...) é um lugar que me ajuda muito, porque eu me relaciono com outras mulheres, sem vários filtros que a sociedade impõe. Porque, apesar de as pessoas começarem o Clube com essa visão de: “Ah, vou conversar com a Manuela, que legal.”, como manifestam nas primeiras entradas, essa relação é uma relação que ela é permanente, e essa permanência da relação, essa intimidade (Vinicius de Moraes dizia que intimidade só serve para duas coisas, para fazer filho e para constrangimento, como eu não fiz filho com ninguém do Clube né, só serve pra essa coisa mesmo), da gente ter uma relação mais próxima, então isso também é bom. (...) o Clube vai me aproximando de olhares, (...) também vai mediando, então me ajuda a entender a sociedade. (D'ÁVILA, 2023)

Essa disponibilidade da Manuela em ouvir, em se aproximar das participantes, em não se colocar em um pedestal distante foi fundamental em alguns debates polêmicos ocasionados por situações que ocorreram em alguns livros ou por personagens com atitudes moralmente questionáveis. Essa é uma das magias da leitura coletiva, olhar situações através das lentes de outras pessoas, possivelmente até se atentar para detalhes que tinham passado despercebidos num primeiro contato com a obra. Inclusive, para manter essa “proximidade”, ainda que seja virtual, é que ela continua usando o *Instagram*, pois

Esse era um saldo que eu tinha da pandemia, que a conversa entre duas pessoas no *Instagram* dá uma ideia de intimidade, de proximidade que o *Zoom* é incapaz de dar. É mais como: um é uma conversa privada, reservada, e o outro é uma sala de aula. A sala de aula tem o seu papel, mas ela não é igual a uma conversa reservada. Então, essa escolha foi a parte consciente do processo, né? Tanto que várias pessoas questionam e a gente não muda, porque realmente tem um impacto de proximidade quase física entre nós, nós conhecemos as pessoas, a gente se relaciona com elas, a gente acompanha sabe (...) (D'ÁVILA, 2023)

Quando perguntada sobre sua relação com os livros, a Manuela responde que sempre quis transformar o mundo, e, por ter sido transformada pelos livros, ela sempre achou que seu jeito de tentar ajudar passaria por essa área. Ela diz que cursou Jornalismo e Ciências Sociais por querer escrever e se fazer entender, e acredita que a falta de leitura habitual das pessoas interfere diretamente no perfil de sociedade que temos. Esse pensamento da Manuela é interessante porque ele possui camadas. Segundo dados divulgados na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil (2021)*, cerca de um terço dos brasileiros são analfabetos funcionais, em média 50% da população brasileira é de não-leitores e, dentre os leitores, apenas 40% declaram que usam o tempo livre para a leitura de livros físicos ou digitais. (FAILLA org., 2021). Então, o quão desafiante é tentar usar a leitura e os livros para

promover transformações numa sociedade com índices tão altos de pessoas que não só não leem, como também não entendem aquilo o que leem?

Esse “entendimento” daquilo que é lido é um campo vasto, porque a literatura não é uma ciência exata, a história colocada no papel não necessariamente vai ser a história captada pelo (a) leitor(a). Cada pessoa com sua bagagem vai ler de um lugar, vai interpretar de uma realidade, vai focar naquilo que mais a toca, e o livro vai crescendo cada vez mais com essas múltiplas possibilidades. Já dizia Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 1989, p.9). Analisando o Clube retroativamente eu entendo que a Manuela criou o Clube com o intuito de levar temas políticos importantes para o debate de um público que tende a permanecer acomodado nos seus espaços de privilégios. Com isso, acabou tensionando essa parcela da classe média branca privilegiada a sair de sua zona de conforto e olhar o mundo pelos olhos de mulheres negras, pobres, LGBTQIAP+, indígenas, seja através da literatura ou, de maneira ainda mais impactante, ouvindo diretamente essas pessoas ao distribuir as bolsas sociais entre elas.

## **2.2 - O Clube de Leitura da Manu através das lentes de quem participou**

Essa técnica de escuta e confronto de classes é defendida por muitas feministas, principalmente negras, como uma forma de potencializar o movimento, de chacoalhar as estruturas, de avançar. “A mera experiência física de ouvir, de escutar com atenção cada voz em particular, fortalece nossa capacidade de aprender juntos.” (hooks, 2017, p.247). Porém, o quanto conversar dentro da branquitude gera inquietação ativa, e o quanto gera apenas a desconstrução passiva? Uma das participantes, ao ressaltar pontos positivos do Clube no questionário aplicado disse que: “a oportunidade de ‘conviver’ com a diversidade enriquece nossa existência.” (R.Q.M., 2023), e a outra ressalta o poder transformador dessa troca, dizendo que o Clube promoveu

(...) o despertar de uma outra mulher (euzinha) após a leitura de autoras mulheres, os temas que as acompanharam e a partir da discussão dentro da diversidade que o espaço do clube proporciona. A reflexão sobre os temas e a busca por aprofundamento desses temas tem sido agente transformador em minha vida. (V.L.D., 2023)

Nessa linha de desconstrução e gratidão por estar em um grupo tão diverso existiram vários outros depoimentos, nos questionários aplicados e durante as *lives* do Clube, tanto de mulheres brancas de classe média alta/alta agradecendo pelo contato com mulheres negras e/ou periféricas, quanto de homens ressaltando a importância de estar em um grupo predominantemente feminino discutindo livros escritos por autoras mulheres, e de mulheres negras cisgênero, heterossexuais comentando o quanto aprenderam com relação à comunidade LGBTQIAP+, além de muitas outras relações de contatos com realidades diferentes proporcionadas pelo Clube. Esses retornos demonstram como o espaço criado pelo Clube é de acolhimento e de segurança, que foi um dos objetivos da Manuela na criação do Clube basicamente direcionada aos seus seguidores. Ela conseguiu construir um espaço livre de violência, que incentiva a escuta, a gentileza e a reflexão.

Como já dito anteriormente, para tentar entender o impacto do Clube na vida das participantes, foi aplicado um questionário *online* com perguntas de identificação, análises quantitativas e qualitativas sobre o Clube. O número de respostas foi de 226, cerca de 18% do total de participantes das 3 primeiras edições semestrais do Clube, mas vale ressaltar que inicialmente tivemos um baixo retorno das participantes bolsistas e, na última semana do prazo, solicitei que a Ana Carolini enviasse uma mensagem lembrando do prazo e ela optou por enviar por *Whatsapp* nesse segundo momento, conseguindo um bom retorno desse grupo através dessa outra abordagem. Só esse dado já demonstra possíveis diferenças sociais marcantes entre as participantes, pois nem todas as pessoas são tão conectadas a ponto de verificarem seus *e-mails* diariamente ou ter um computador ligado a maior parte do dia para facilitar essas respostas.

O panorama do perfil das participantes que aceitaram voluntariamente responder e contribuir com a pesquisa, de acordo com as perguntas sobre identificação (foram excluídas das tabelas abaixo as opções não selecionadas por nenhuma das participantes apenas para melhorar a visualização dos dados), foi o seguinte:

**Tabela 3 - “Com qual gênero você se identifica?”**

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>Não-Binário</b>	<b>Não respondeu</b>
<b>212</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>2</b>

Fonte: autora (2023)

**Tabela 4 - Caso se aplique, “Como você se identifica dentro da comunidade LGBTQIAP+<sup>42</sup>? (pode marcar mais de uma)”**

Lésbica	Gay	Bissexual	Transgênero	Queer	Intersexual	Assexual
6	2	18	3	1	1	1

Fonte: autora (2023)

**Tabela 5 - “Qual a sua escolaridade?”**

Ensino Médio Completo	Ensino Superior Incompleto	Ensino Superior Completo	Pós Graduação
2	10	46	168

Fonte: autora (2023)

**Tabela 6 - “Qual a sua cor/etnia?”**

Branca	Preta	Amarela	Parda	Prefere não responder
164	26	1	31	4

Fonte: autora (2023)

**Tabela 7 - Faixas etárias a partir da Data de Nascimento**

20-30 anos	31-40 anos	41-50 anos	51-60 anos	>60 anos	Não responderam
16	45	63	49	32	21

Fonte: autora (2023)

**Tabela 8 - Dentre as bolsistas, foi contemplada em qual das bolsas sociais?**

Mulheres Negras	Pessoas trans	Mães-solo
24	1	1

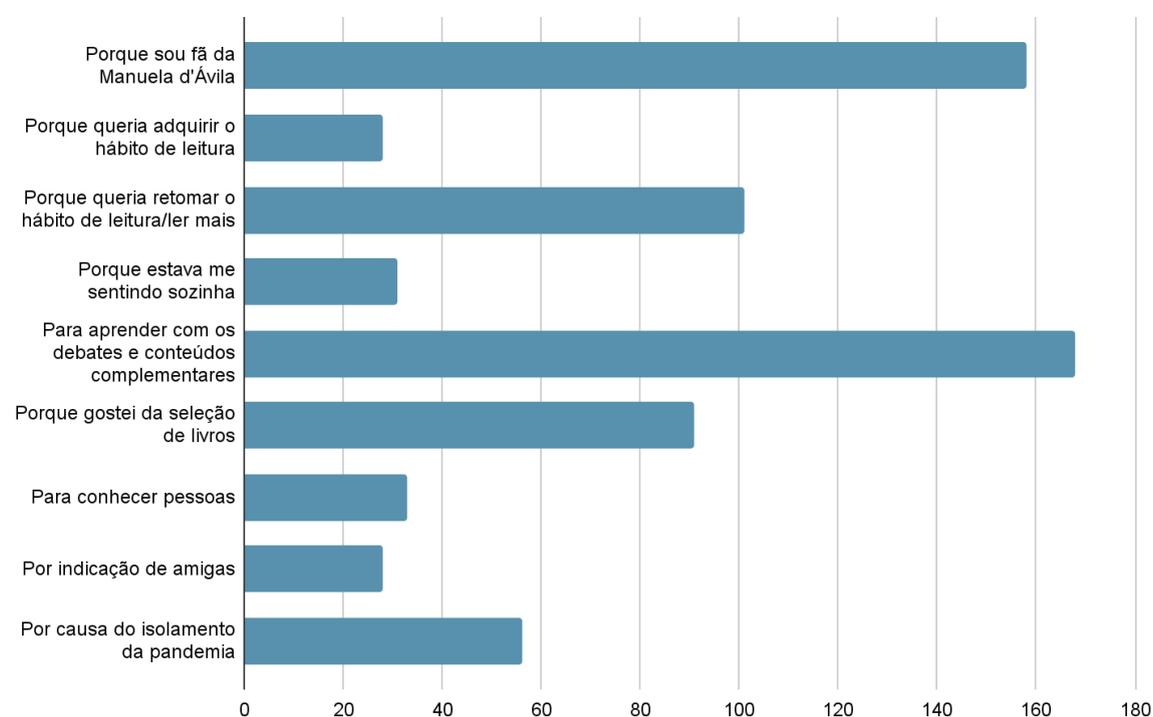
Fonte: autora (2023)

<sup>42</sup> Sigla para Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual e o símbolo + que engloba outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não estejam representadas nas letras em destaque. Disponível em [Veja o que cada letra da sigla LGBTQIAP+ significa | Queer | iG](#), acesso em 29 de Maio de 2023.

Nota-se então que temos respostas de uma amostra bem semelhante ao todo, a grande maioria de mulheres (quase 94%), brancas (72%) e com escolaridade alta (75% no maior nível). Conseguimos um total de bolsistas na média do Clube (11%), sendo as mulheres negras maioria entre as bolsistas (92%). A distribuição por faixa etária foi a mais homogênea das categorias, mostrando que o Clube alcança basicamente todas as idades.

A análise dos questionários trouxe algumas respostas sobre os motivos que levaram as participantes a se inscreverem no Clube, o impacto do Clube na vida delas e nas suas escolhas literárias, além das transformações que o Clube provocou nelas. A maioria se inscreveu no Clube para aprender com os debates e conteúdos complementares (74%) e por ser fã da Manuela d'Ávila (70%), mas também por querer iniciar ou retomar o hábito de leitura (44%) ou até para adquirir esse hábito (12%). Cerca de 25% das participantes responderam que o isolamento social da pandemia de COVID-19 foi um fator importante para entrar no Clube, enquanto 12% relataram a solidão e indicação de amigas como motivação.

Gráfico 1 - Por que você decidiu se inscrever no Clube de Leitura da Manu?

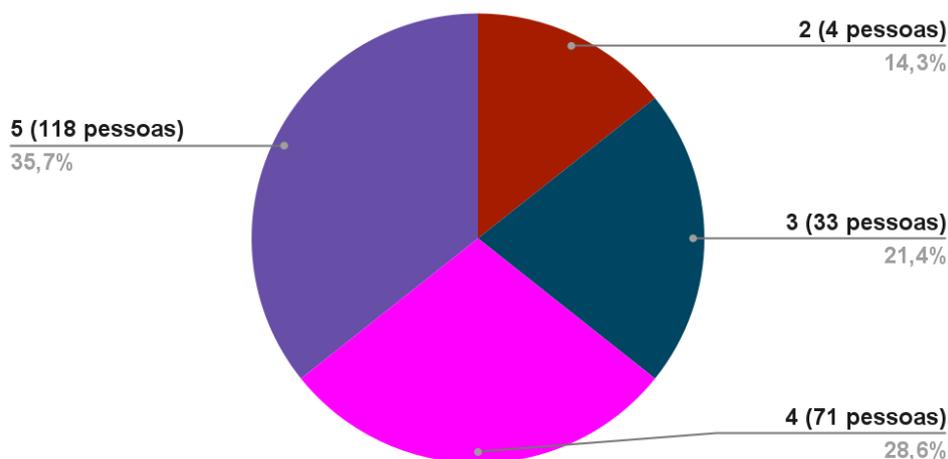


Fonte: autora (2023)

Esses números mostram que, apesar de o Clube ser composto majoritariamente por pessoas dispostas a aprender, é um grupo de pessoas em torno de uma líder, o que sugere uma uniformidade, um certo perfil político (pessoas de esquerda, progressistas), o que é positivo no sentido de manter o ambiente livre de violências, porém negativo no sentido de não estar dialogando com pessoas que pensam diferente.

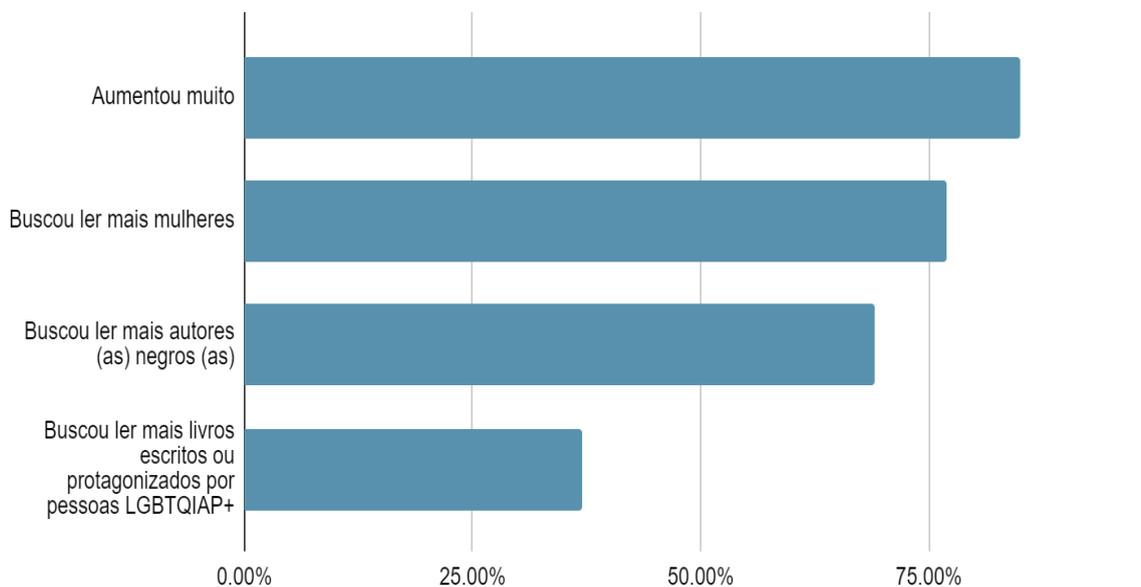
Sobre o impacto do Clube na própria vida, numa escala de 0 a 5, sendo 0 “impactou nada” e 5 “impactou muito”, mais de 64% das pessoas responderam que impactou 4 ou 5. Quase a totalidade das participantes disseram também que o Clube as fez ler mais (85%) e ficar mais atentas às suas escolhas literárias, buscando ler mais livros escritos por mulheres (77%), por pessoas negras (69%) e, em menor número, algumas também disseram ficar mais atentas a livros escritos e ou protagonizados por pessoas LGBTQIAP+ (37%).

Gráfico 2 - Numa escala de 0 a 5, sendo zero IMPACTOU NADA e 5 IMPACTOU MUITO, qual o impacto de ter participado do Clube de Leitura da Manu na sua vida?



Fonte: autora (2023)

Gráfico 3 - Depois de ter participado do Clube de Leitura da Manu, o que aconteceu com sua média de livros lidos por ano e com suas escolhas literárias?



Fonte: autora (2023)

Essa diferença entre a disposição para buscar mais ativamente a leitura de mulheres e de pessoas negras ser quase o dobro da disposição para buscar livros com a temática LGBTQIAP+ pode ser um indicativo de que, mesmo no campo progressista, algumas pautas ainda carecem de mais debate e mais atenção. Um exemplo desse abismo entre as pautas a nível nacional é a criminalização dos preconceitos contra esses dois grupos. Enquanto a lei de criminalização do racismo está em vigor desde 1989<sup>43</sup>, a criminalização da homofobia e da transfobia ficou aguardando decisão no Congresso por 18 anos, e só foi aprovada por intervenção do Supremo Tribunal Federal em 2019<sup>44</sup>. Mais representatividade política, cultural e em todas as áreas se faz necessário para que maiores avanços nesse campo aconteçam.

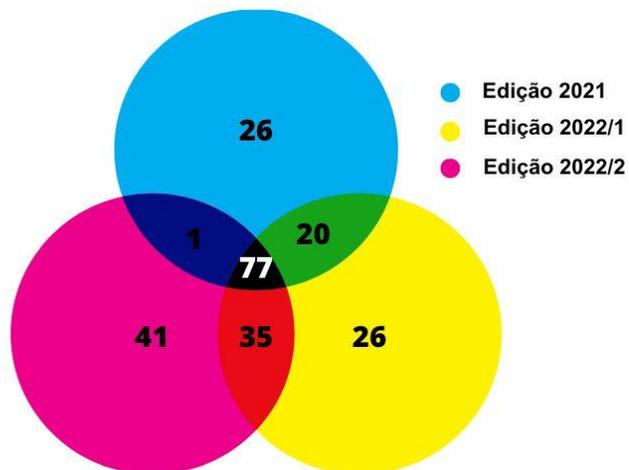
Dentre as participantes que responderam o questionário, 93 pessoas fizeram apenas uma das três primeiras edições semestrais do Clube (41%) e 77 (34%) fizeram as três edições. A maioria nunca tinha participado de um clube de leitura

<sup>43</sup> [Lei que torna racismo crime completa 30 anos, mas ainda há muito a se fazer](#), acesso em 22 de Junho de 2023

<sup>44</sup> [Supremo Tribunal Federal criminaliza homofobia e transfobia: o que muda? - 13/06/2019 - UOL Universa](#), acesso em 22 de Junho de 2023.

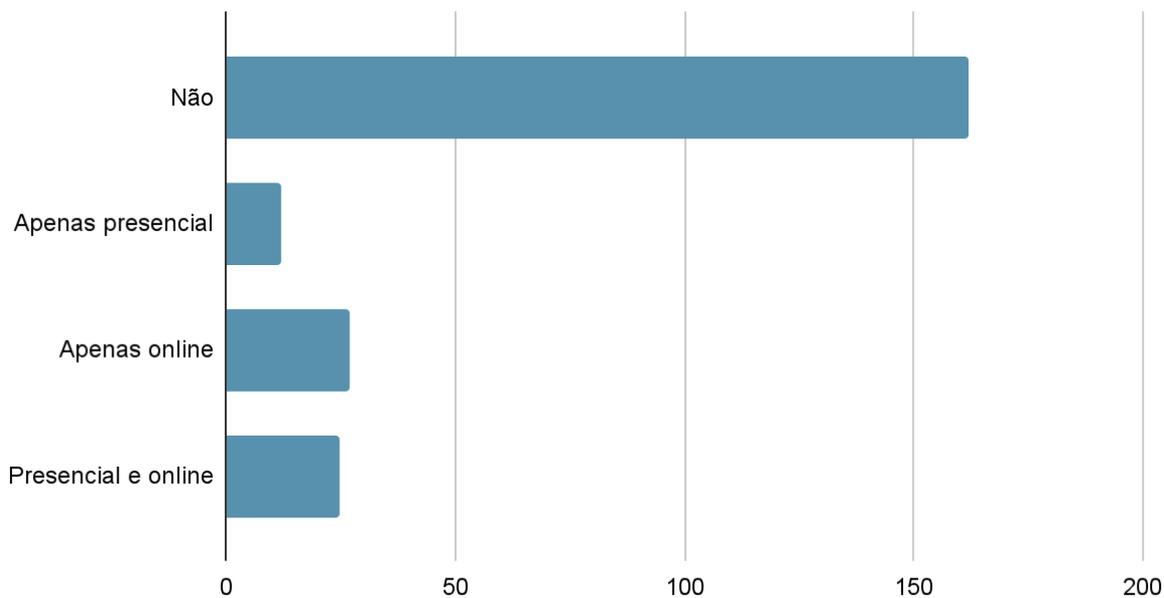
antes (72%), e, dentre as que já tinham participado, 12% tinham sido online, 5% presencial e 11% já tinham tido a experiência nas duas modalidades.

**Gráfico 4 - Edições que participaram**



Fonte: Autora (2023)

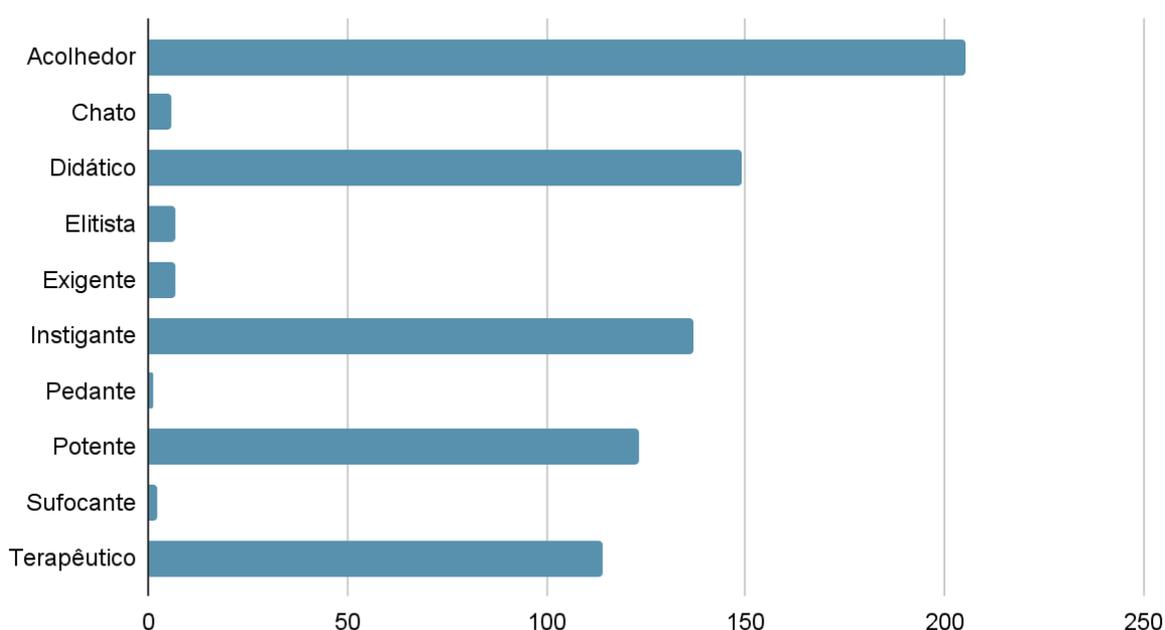
**Gráfico 5 - Antes do Clube de Leitura da Manu, você já havia participado de outro clube de leitura?**



Fonte: autora (2023)

Em uma pergunta sobre o ambiente criado pelo Clube, 90% descreveram o ambiente como acolhedor, 66% como didático, entre outras qualidades referidas (Potente, Instigante e Terapêutico). Poucas pessoas referiram características negativas, citando o espaço do Clube como um ambiente Exigente, Chato e/ou Elitista (menos de 5% somadas), mas, essas mesmas pessoas ao destacar os principais pontos negativos, citaram principalmente problemas com as plataformas utilizadas e forma de condução das *lives*, dizendo que o Clube correspondeu às expectativas delas (apenas três pessoas do total de 226, se disseram frustradas com a experiência).

**Gráfico 6 - Sob o seu ponto de vista, o "espaço" construído pelo Clube de Leitura da Manu é:**



**Fonte: Autora (2023)**

Além dessas respostas pré definidas, as participantes foram provocadas a apontar livremente pontos positivos e negativos sobre o Clube, e as respostas confirmaram a importância da leitura coletiva, da diversidade dos temas e da presença de bolsistas no Clube, ampliando o debate. Alguns dos depoimentos que destacam essa importância:

Curadoria cuidadosa e voltada para a diversidade e uma mediação afetuosa e inteligente. O espaço para o debate é muito rico, pois os "modos de ler" são, muitas vezes, diferentes entre as participantes. As "bolsas" concretizam a perspectiva inclusiva do clube e a organização é impecável. (P.S.V.C.L., 2023)

Com o clube tive uma visão de fora da minha bolha. Através da leitura e ouvir experiências muito diferentes da minha realidade. Me tornou uma pessoa muito mais empática. (E.P., 2023)

As trocas pós leitura eram muito engrandecedoras. Muito bom ouvir tanta gente, de tantas realidades distintas, foi enriquecedor culturalmente.” (C.S., 2023)

Trouxe autoras novas e livros muito interessantes, diferentes estilos narrativos, temas centrais relevantes. Achei muito importante a participação das bolsistas, mulheres negras, que traziam experiências e olhares que agregaram muito ao espaço. Os encontros com as autoras e a discussão a fundo nos livros era muito legal. (S.V.D., 2023)

Através desses depoimentos podemos inferir que a presença das bolsistas foi realmente um fator que enriqueceu o Clube, tornando os debates mais interessantes pelo compartilhamento de realidades e dores mais diversas. Porém, não só elas como também das escolhas literárias da Manuela, colocando em debate temas que talvez não chegavam até as participantes ou que elas não sentiam a necessidade de buscar saber, como a realidade da população LGBTQIAP+, apenas para citar um exemplo.

Algumas participantes reafirmaram também a gratidão pela rede de apoio criada pelo Clube, o acolhimento da Manuela e de todas as que participavam, através das *lives*, dos *chats* ou dos grupos de mensagens, o espaço seguro que se formou com o passar dos meses, como nos depoimentos a seguir:

Definitivamente o melhor do grupo é a rede que se forma, são muitas mulheres potentes reunidas, um lugar acolhedor! A cada edição fortalecemos vínculos e a admiração aumenta, não apenas com a equipe, mas entre as participantes também! (B.P., 2023)

Um dos pontos positivos é a sensação de pertencimento a um grupo. (A.C.M.R., 2023)

Acolhimento, segurança, solidariedade, conteúdos bem elaborados, debates, além de ampliar as pessoas com quem pude trocar sentimentos, vivências e conhecimento. (M.C.R. 2023)

O que eu mais gosto é do fato de formarmos uma ‘bolha’, em relação a muitos aspectos: posicionamento político, gênero, estilo de vida... Eu não encontrei, em outros espaços, pessoas com características assim que me fizessem sentir plenamente aceita e acolhida. (M., 2023)

Estar num ambiente diverso e respeitoso, ouvindo e conversando com pessoas que têm visões diferentes das minhas e trocar experiências. (S.G., 2023)

Para mim foi muito importante também aplicar para uma bolsa como mulher negra, a primeira vez que fiz isso e quando fui "aprovada" a felicidade foi enorme por pedir ajuda, por me sentir incluída, por pertencer. (A.C.C., 2023)

O clube ajudou a manter minha sanidade mental durante anos muito difíceis politicamente. (E., 2023)

Esse acolhimento passa muito pela mediação da Manuela d'Ávila. Sempre muito disposta a ouvir, tentando encurtar as distâncias com as participantes do Clube usando uma linguagem simples, compartilhando coisas simples do seu dia como um óculos quebrado ou um desenho da sua filha Laura, sendo muito sutil no direcionamento de determinados debates para evitar rugas de comunicação ou ofensas despercebidas, e até mesmo se permitindo se emocionar com alguns depoimentos e participações, ela acaba se tornando “uma amiga próxima” mas também um modelo de comportamento a ser seguido dentro do Clube. Em um espaço conduzido por uma pessoa que age como ela, as pessoas se comportam de maneira solícita, compreensivas, solidárias, rindo juntas e chorando juntas e, quando se soma a isso histórias com as quais as participantes conseguem se relacionar e se enxergar, o ambiente se torna tanto uma mesa de café da tarde como uma sala de terapia, com as mulheres se expondo e sendo acolhidas, sem julgamentos, sem cobranças, apenas sororidade. Nesse ponto é fundamental entender a importância desse espaço para o fortalecimento e a propagação do feminismo, como disse bell hooks:

Uma vez que multidões de jovens mulheres sabem pouco sobre o feminismo e várias assumem falsamente que sexismo não é mais um problema, a educação feminista para uma consciência crítica deve ser contínua. (...) De um modo geral, as mulheres em nossa sociedade estão esquecendo o valor e o poder da sororidade. Movimentos feministas renovados devem novamente levantar alto a bandeira e proclamar mais uma vez: “A sororidade é poderosa.” (hooks, 2022, p.38 e 39)

Outro tema recorrente nos depoimentos foi que o Clube apresentou a leitura como uma possibilidade dentro da correria em que vivemos, como nos seguintes relatos:

Gosto do fato de que posso acompanhar as discussões e vídeos a qualquer momento, o clube se adapta à rotina das participantes e traz debates relevantes de forma respeitosa e acolhedora. Me estimulou a ler por prazer e a priorizar este espaço de autocuidado na minha rotina. (L.S.F., 2023)

Gostei muito da carga de leitura exigida, que levava em conta a vida corrida de mulheres jovens que são profissionais e mães (minha realidade). (O.C., 2023)

O Clube de leitura era um desejo que ansiava há algum tempo, porém as questões financeiras não me permitiam ter acesso a este espaço. A notícia de ter sido contemplada pela bolsa social foi um impulso para desbravar outros caminhos literários e conhecer/experimentar novas leituras. Surgiu em um período de final da gestação e início do puerpério, tendo sido um lugar de acalento, escape dos sentimentos de solidão e reencontro com o

meu eu da maternidade, já que algumas obras versaram sobre esta realidade. (M.E.S., 2023)

A maioria dos pontos negativos destacados tiveram a ver com questões técnicas e/ou muito pessoais, como a falta de afinidade com as plataformas utilizadas, dificuldade de entrar nos horários ao vivo, timidez e correrias da vida que impediram de acompanhar as leituras e os conteúdos complementares. Porém, um depoimento de um homem chama a atenção, pois corrobora a visão da Manuela de eles não se sentirem incluídos nesse ambiente, mas ao mesmo tempo mostra que o processo de desconstrução é possível através desse espaço

Eu cheguei ao clube um pouco perdido, tentando me achar. Logo vi que era um clube destinado a leitoras mulheres. Isso me causou um pouco de desconforto, porque fiquei com a sensação de que não era para eu ter me inscrito no clube; parecia que eu não tinha lido alguma nota de rodapé que dizia: 'este clube é destinado a mulheres, se você for homem, não se inscreva!' Fui participando e aprendendo com o meu desconforto; vendo o quanto nós, homens, estamos pouco acostumados a não sermos acolhidos onde chegamos. Mas, para além da minha condição de homem, tem minha condição de gay em processo de aceitação. Hoje em dia, meses depois de ter participado do clube, prefiro estar em ambiente de gays. Ambientes de heteros, seja homem ou mulher, não são acolhedores como são os ambientes gays. Essa percepção só tive depois que o clube acabou, à medida que fui me abrindo para outras experiências. (J.P.S., 2023)

Essa estranheza dos homens diante de um local de debates feministas, com predominância feminina nos temas, nos debates, se dá em grande parte por desinteresse deles mesmo, por uma total apatia em buscar mudar um sistema que os favorece, por comodismo com a situação presente, mesmo dentre os progressistas. Mas também pode ser um pouco responsabilidade de como uma parcela do movimento feminista foi se estruturando, ou excluindo os homens ou não sugerindo uma masculinidade alternativa, antissexista mas não necessariamente feminina, já que a opressão patriarcal também impacta na formação da identidade dos homens pois “culturas de dominação atacam a autoestima, substituindo-a por uma noção de que obtemos nosso senso de ser a partir do domínio do outro” (hooks, 2022, p.106 e 107). Porém, a presença deles nesses espaços também pode transformá-los em agentes de mudança, visto que:

Garotos precisam ter a autoestima saudável. Eles precisam de amor. E políticas feministas sábias e amáveis podem proporcionar a única fundamentação para salvar a vida dos garotos. O patriarcado não vai curá-los. Se esse fosse o caso, todos eles estariam bem. (hooks, 2022, p.108)

Essas observações das participantes e a visão da Manuela sobre o Clube, sua forma de condução, a logística, o ambiente criado mostram - de forma bem sintetizada - que o Clube de Leitura da Manu parece ter correspondido e, em alguns pontos, superado as expectativas iniciais. Na sequência, trago o que eu apreendi da análise dos vídeos e alguns dos pontos principais abordados, trabalhando alguns dos temas com a ajuda de autoras feministas, a fim de sedimentar os debates e reflexões geradas através da leitura coletiva dessas histórias escolhidas pela Manuela.

### **3 - "A prática do amor é o antídoto mais poderoso contra as políticas de dominação"<sup>45</sup> - A literatura como método para encurtar as distâncias entre as mulheres: A economia do cuidado e as múltiplas violências como pontos comuns nas leituras e debates ao longo das três primeiras edições do Clube de Leitura da Manu**

Não aceito mais as coisas que não posso mudar.  
Estou mudando as coisas que não posso aceitar.  
Angela Davis

O Clube, por ter todo o seu material gravado e, a princípio, armazenado para consulta pelas participantes por um tempo ilimitado, tem muito conteúdo disponível, sendo mais de 18 arquivos de texto (mínimo de um roteiro por livro, além dos textos extras indicados e disponibilizados nas redes do Clube), mais de 80 horas de vídeos (mínimo de quatro horas por livro) e muitas conversas no *Telegram*. Quando eu decidi fazer a monografia tendo o Clube como meu objeto de estudo, eu iniciei uma análise dos vídeos, textos e comentários salvos nas plataformas utilizadas e realizei uma etnografia (GEERTZ, 1973) retroativa, que inclui a minha visão como participante, com relações estabelecidas, a minha interpretação dos assuntos abordados e da forma como foram abordados, das escolhas e do microcosmo criado ao longo desses 18 meses dessas edições do Clube.

Para traduzir essa minha análise, eu trago neste capítulo uma escrevivência, conforme desenvolvida por Conceição Evaristo (UEMG UNIDADE DIVINÓPOLIS, 2015), sendo uma escrita que nasceu a partir da minha experiência com o Clube e da observação das vivências das participantes.

Um dos pontos fortes do Clube, conforme já exposto anteriormente, é a qualidade da curadoria da Manuela d'Ávila, que sempre preza pela diversidade e profundidade nas narrativas, conseguindo, através das suas escolhas, explorar diferentes temas que são caros às participantes do Clube. Certamente o fato de ela ler muito, há muito tempo, ter o apoio de uma livreira próxima para indicações de leituras e proximidade com várias editoras, confere a ela uma gama de livros diversos que poderiam facilmente substituir todos os escolhidos e ainda manter o padrão e a representatividade da sua curadoria. Então, perguntada na entrevista sobre o porquê das escolhas, e por quê mulheres, ela respondeu

Sobre ser mulheres, sempre foi uma...desde que eu pensei o clube já era assim, porque há muito tempo eu tenho me cuidado para ler mulheres e

---

<sup>45</sup> Frase de bell hooks no livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*.

para ler mulheres negras. Então eu estabeleci comigo um certo rigor, porque eu me dava conta que não chegava a mim leituras que eram de mulheres, sobretudo que eram de mulheres negras, e sobretudo que não eram de países centrais ou de editoras grandes, uma combinação de fatores né? Tem a ver com mercado, tem a ver com localização (...) (D'ÁVILA, 2023)

Manuela d'Ávila é uma militante ativista há mais de vinte anos e nunca escondeu que o Clube também seria um espaço para discutir política e aprofundar debates que ela considera importantes para promover uma transformação social. E, mesmo selecionando livros com histórias centrais aparentemente muito diferentes entre eles, com o fato de serem livros escritos por mulheres e com protagonistas mulheres, ela acabou conseguindo tensionar, a partir da literatura, um grupo composto majoritariamente por mulheres brancas, de classe alta, cisgênero e heterossexuais, provocando debates intensos sobre as opressões que as mulheres sofrem no mundo, que se repetiam nas histórias, com maior ou menor intensidade, somando com os atravessamentos de raça, classe, identidade de gênero e sexualidade. Alguns dos temas mais recorrentes nos debates, que causaram mais impacto ou que eram mais caros a mim foram a economia do cuidado e as violências vivenciadas pelos grupos historicamente oprimidos da sociedade e, a seguir, trago um debate teórico com esses temas junto às reflexões provocadas pelos livros, mostrando o impacto da leitura coletiva de mulheres na ampliação dos debates dentro do feminismo e no fortalecimento das mulheres.

### **3.1 - A invisibilidade da economia do cuidado**

O capitalismo transformou historicamente o cuidar (da casa, dos filhos, dos idosos, de quem precisa) em um serviço de mulher, propagado como natural para elas e vinculado a uma forma de expressar amor para com seus filhos, seu marido, seus pais e familiares. Ao analisar os passos dados para a desvalorização do trabalho feminino, desde o século XVII, passando pela Revolução Industrial e chegando até os dias atuais, Silvia Federici disse que

...na nova organização do trabalho, todas as mulheres tornaram-se bens comuns, pois uma vez que as atividades das mulheres foram definidas como não trabalho, o trabalho das mulheres começou a se parecer com um recurso natural, disponível para todos, assim como o ar que respiramos e a água que bebemos. (FEDERICI, 2017, p.191)

Além disso, ao criar uma narrativa de que todo esse serviço é biologicamente ligado ao gênero feminino, também se vinculou a eficiência e competência no trabalho de cuidar a um sucesso pessoal enquanto mulher, com ajuda de pensamentos machistas que perpetuam até hoje como “elogiar” uma mulher ao dizer que, se ela já sabe cozinhar ou limpar bem uma casa, ela já pode casar, ou, se referir negativamente a uma mulher, por exemplo, quando se questiona de forma retórica se uma criança suja, ou amarrotada não tem mãe. Apesar de esses cuidados serem utilizados como métrica para medir a qualidade de uma mulher, o trabalho doméstico diário não recebe a importância que deveria, e, depois que as mulheres atingem o que a sociedade preconiza como realização pessoal máxima - casar, ter filhos, constituir família -, toda essa qualidade que era destacada nela como valores, acaba se tornando a sua prisão. Angela Davis (2016) também fala sobre a natureza do trabalho doméstico e apresenta adjetivos que resumem bem como a sociedade trata esse trabalho.

Assim como as obrigações maternas de uma mulher são aceitas como naturais, seu infinito esforço como dona de casa raramente é reconhecido no interior da família. As tarefas domésticas são, afinal de contas, praticamente invisíveis. (...) Invisíveis, repetitivas, exaustivas e nada criativas - esses são os adjetivos que melhor capturam a natureza das tarefas domésticas. (DAVIS, 2016, p.225)

Esses conceitos de família e papéis sociais das mulheres estiveram presentes em diversas leituras do Clube. O livro *Açúcar Queimado*, da autora Avni Doshi, traz de forma muito corajosa uma relação não exitosa entre filha e mãe, gerando uma reflexão profunda sobre a cobrança eterna que recai sobre as mulheres e o maternar, pois a sociedade patriarcal criou a verdade absoluta de que as mães precisam estar presentes, lavar, passar, cozinhar, preparar para a vida, para a escola, para os relacionamentos, e, além de tudo isso, ainda tem que amar incondicionalmente seus filhos, sobrando o que para ela própria? Que tempo, que parte da vida? E, caso uma mãe opte por seguir seus sonhos - apesar da maternidade - ela automaticamente vira uma péssima mãe aos olhos da sociedade e dos filhos? Na história, o pai era um coadjuvante, maioria das vezes ausente, porém nunca cobrado. Durante o mês de leitura deste livro, as participantes lembraram no *chat* em uma das *lives* da famosa frase de militantes feministas que diz: “O seu feminismo alcança a sua mãe?”, ajudando a pensar as mães enquanto sujeitos, dignas de amor, de sonhos, de espaço.

O livro *É sempre a hora da nossa morte, amém*, da autora brasileira Mariana Salomão Carrara, dá sequência a esse debate ao trazer como protagonista uma mãe que sofre de perda de memória e se lembra da filha de diversas formas distintas, sempre com um fim trágico e, com o desenrolar da história, nota-se muita culpa nessa personagem, sendo destacado ao longo dos debates o dilema da maternidade compulsória na sociedade. Se você decide ser mãe, tem que abdicar da vida para cuidar de seus filhos. Caso não o faça, vai ser julgada por isso. Agora, se você decide se priorizar e opta por não ter filhos para focar no trabalho, no lazer, e o que mais quiser, você é julgada como fria, egoísta, insensível, e ainda é eleita (por estar sozinha e, conseqüentemente, mais disponível) para cuidar dos mais velhos, porque também esse cuidado é sempre conferido às mulheres da família. O mês de debate desse livro gerou um dos momentos mais bonitos de todo o Clube, com uma das participantes citando o provérbio africano que diz que é necessário uma aldeia para criar uma criança e comparando o espaço criado pelo Clube a essa aldeia, que acolhe diferentes pessoas e ajuda a passar por momentos difíceis, mesmo à distância.

Com esse trabalho diário e invisível realizado cotidianamente pelas mulheres, os homens ficam livres para se dedicar ao trabalho assalariado, enquanto novas pessoas são criadas para continuar reproduzindo essa lógica. As meninas são, desde cedo, educadas para saber limpar, lavar, passar, cozinhar, criar novos seres humanos, e os meninos criados para dominar e oprimir as mulheres, desbravar o mundo e ser responsável pelo sustento de uma família. Esse núcleo familiar estruturado em torno dessa lógica foi, segundo FEDERICI (2021) uma criação do capitalismo. Ela diz que:

Toda uma série de fenômenos indica que, longe de ser uma estrutura pré-capitalista, a família, como a conhecemos no Ocidente, é uma invenção do capital para o capital, uma instituição que deve garantir a quantidade e a qualidade da força de trabalho e seu controle. (FEDERICI, 2021, p. 32 e 33)

A sociedade camponesa, organizada como aldeia, com todos responsáveis por todos, foi substituída pela instituição “família”, criada e fortalecida pelo capitalismo, com o apoio das religiões e do patriarcado, servindo como um instrumento de fortalecimento dessas instituições e modos de viver.

Complemento do mercado, instrumento para a privatização das relações sociais e, sobretudo, para a propagação da disciplina capitalista e da dominação patriarcal, a família surgiu no período de acumulação primitiva também como instituição mais importante para a apropriação e para o ocultamento do trabalho das mulheres. (FEDERICI, 2017, p. 193)

Para que as mulheres continuassem em casa, reproduzindo a lógica patriarcal que o capitalismo exigia delas, a sua força de trabalho fora de casa deveria ser desvalorizada. Segundo Federici (2017) “(...) a exclusão das mulheres dos ofícios forneceu as bases necessárias para sua fixação no trabalho reprodutivo e para sua utilização como trabalho mal remunerado na indústria artesanal doméstica. (FEDERICI, 2017, p. 190). E, para fechar o círculo perfeito do patriarcado, o trabalho doméstico não é considerado um trabalho, e, com isso, não é remunerado. Ou, quando acaba sendo terceirizado por diversos motivos, continua sendo dispensado a mulheres, que são muito mal remuneradas por ele.

Os papéis das mulheres na procriação, criação de prole e manutenção da casa possibilitam que os membros de sua família trabalhem - trocando sua força de trabalho por salários -, e isso dificilmente pode ser negado. Mas disso decorre automaticamente que as mulheres em geral, independentemente de sua classe e raça, sejam definidas de modo fundamental por suas funções domésticas? (DAVIS, 2016, p.235)

Ao problematizar esse papel da mulher como responsável pelas funções domésticas, Angela Davis justifica o que se deu a seguir, pois junto a esse lugar social “natural” designado para as mulheres como trabalhadoras do lar, diminuindo a importância e o peso deste trabalho diário, aliou-se o fato de que muitas mulheres que precisaram buscar independência, fontes de renda para sustentar sozinhas suas famílias ou para complementar a renda trazida pelo marido, se depararam com a desvalorização da sua força de trabalho no mercado, pois

...a discriminação sofrida pelas mulheres como mão de obra remunerada esteve diretamente relacionada à sua função como trabalhadoras não assalariadas no lar. Dessa forma, podemos relacionar proibição da prostituição e a expulsão das mulheres do espaço de trabalho organizado com a aparição da figura da dona de casa e da redefinição da família como lugar para produção da força de trabalho. (FEDERICI, 2017, p.188)

A consequência nos dias atuais é a desigualdade salarial entre homens e mulheres, já explicitada anteriormente. O capitalismo age de forma tripla, não só se beneficia de um trabalho não remunerado praticado dentro dos lares, como desvaloriza esse trabalho caso precise contratá-lo e também essa trabalhadora, caso busque emprego.

Contratantes sabem que estamos acostumadas a trabalhar a troco de nada e que estamos tão desesperadas por algum dinheiro próprio que podem nos admitir por um preço baixo. Mais ainda, o fato é que o trabalho doméstico não assalariado deu a esse esforço socialmente imposto um aspecto natural (“feminilidade”) que nos afeta em todos os lugares para onde vamos e em tudo o que fazemos. (FEDERICI, 2021, p. 34)

Por exemplo, no livro *Cidadã de Segunda Classe*, da autora nigeriana Buchi Emecheta, a protagonista sofre com um processo de imigração (Nigéria/Inglaterra), um marido abusivo, uma cultura patriarcal e com o racismo, mas não deixa de criar seus filhos da melhor forma possível, tentando oferecer-lhes amor, dignidade e proteção, se mantendo na relação por acreditar que não conseguiria sustentar todos os filhos sem o salário do marido, o que fez com que muitas mulheres reconhecessem esse tipo de relacionamento entre os relacionamentos pessoais, ou, até mesmo, compreendessem melhor as suas mães, que passaram por situações semelhantes mas se sacrificaram para dar a melhor criação possível para os seus filhos. Esse aprisionamento de mulheres em relacionamentos abusivos por necessidade financeira foi historicamente construído também pelo capitalismo. Federici (2017) usa o termo “patriarcado do salário”, dizendo que a política de pagar ao marido o salário devido pelo trabalho da mulher

(...) impossibilitava que as mulheres tivessem seu próprio dinheiro, criou as condições materiais para sua sujeição aos homens e para a apropriação de seu trabalho por parte dos trabalhadores homens. É nesse sentido que eu falo do patriarcado do salário. (FEDERICI, 2017, p. 195)

Além disso, o livro já ajudou a mudar um pouco a visão das mulheres para com outras mulheres, pois em determinado ponto o grupo se via cobrando demais da protagonista para sair daquele círculo de violências mas não cobrando mudanças de atitude por parte do marido/pai, o que mostrava como o machismo está entranhado entre as mulheres e o quanto precisamos focar para não cairmos nas armadilhas de ficar reproduzindo essas cobranças e violências entre nós.

Mesmo em ambientes de esquerda, a luta das mulheres para a libertação, que inclui reestruturar o trabalho doméstico, as relações da família e ressignificar a sexualidade, é descredibilizada por quem detém o poder, ou seja, os homens. Nesse ponto, o patriarcado e o capitalismo se unem para perpetuar a opressão contra as mulheres, pois “o capital precisa de nós nas fábricas como mão de obra barata, mas também precisa de nós em casa, para gerar crianças e manter pessoas potencialmente rebeldes fora das ruas. (FEDERICI, 2021, p. 56)

Um dos possíveis motivos para essa desaprovação é que os homens estão perdendo seus privilégios masculinos. Se as mulheres tiverem o próprio dinheiro, um dia os homens podem encontrar a cozinha e a cama vazias. Mas o motivo mais profundo é que os homens de esquerda não estão interessados em nos libertar do trabalho doméstico, mas em torná-lo mais eficiente. (FEDERICI, 2021, p. 50)

Em comparação com o livro da Buchi Emecheta, outra autora nigeriana foi trabalhada ao longo do Clube através da leitura do livro *Tudo de bom vai acontecer*. Nesta obra, a autora Sefi Atta parecia trazer uma história a princípio inocente da amizade de duas meninas da classe média nigeriana, mas se revelou ponte para muitas reflexões em temas muitos variados, como a emancipação da mulher do serviço doméstico sem necessariamente imputar esse serviço a outra mulher, a performance de gênero que a sociedade nos impõe desde o nascimento e a economia do cuidado, resgatando debates anteriores e provando que o tema se repete independente da época, da condição de classe e do local que a história retrata.

A pandemia de COVID-19, com suas perdas, desemprego, isolamento e restrições de ir e vir, fez com que as mulheres ficassem ainda mais sobrecarregadas, tendo que dispensar redes de apoio (empregadas domésticas, babás, avós, etc), lidar com crianças o tempo todo em casa (em aulas online, querendo atenção para brincar, entediadas e irritadas), cuidar de pessoas adoecidas (por piora de condições prévias, por falta de assistência médica adequada ou por sequelas da infecção por COVID-19) e ainda tentar manter seus trabalhos prévios (muitas mulheres tiveram que abandonar seus postos de trabalho e outras tantas perderam o trabalho com o encolhimento da economia).

A prestação de cuidados é essencial para o bem-estar humano e o crescimento econômico sustentável, mas muitas vezes é negligenciada e subvalorizada. De acordo com a OIT<sup>46</sup>, 16,4 milhões de horas por dia são gastas em trabalho não remunerado de prestação de cuidados. Isto equivale a 11 bilhões de dólares ou 9% do PIB mundial. Os dados da OIT mostram que, globalmente, as mulheres com 15 anos ou mais gastam em média 3,2 vezes mais do que os homens em tarefas domésticas, e até mesmo 4,7 vezes mais em algumas regiões. Isto restringe as oportunidades que as mulheres, jovens e adultas têm para a educação, emprego, envolvimento político e social, bem como lazer. Afeta a sua saúde e aprofunda a sua vulnerabilidade à pobreza. Os desafios associados ao trabalho não remunerado e remunerado de cuidados são agravados em contextos frágeis e durante períodos de crise. A pandemia da COVID-19 expôs a natureza essencial do trabalho de cuidados e exacerbou a desigualdade de gênero que lhe está associada. O encerramento de escolas e centros de cuidados infantis, as doenças familiares e a sobrecarga dos serviços de saúde fizeram aumentar a pressão do trabalho não remunerado e remunerado de prestação de cuidados a mulheres. (SALES, 2022, p.22)

Esse trabalho doméstico diário, apesar de bastante invisibilizado, ocupa muitas horas diárias da vida de uma mulher, entre o esforço físico (varrer a casa,

---

<sup>46</sup> OIT: Organização Internacional do Trabalho

lavar louça, lavar e estender as roupas no varal, fazer compras no mercado, etc) e a carga mental de planejar e se preocupar com tudo (acordar os filhos, preparar para as aulas online/presencial, comprar os remédios dos idosos, lembrar de pagar as contas nas datas certas, programar e preparar o almoço todo dia, tentar economizar preservando as roupas, não desperdiçando comida, e ainda educar as crianças), e não é remunerado nem valorizado, deixando muitas mulheres exaustas e sem alternativas.

A separação estrutural entre a economia pública do capitalismo e a economia privada do lar tem sido continuamente reforçada pelo primitivismo obstinado do trabalho doméstico. Apesar da proliferação de utensílios para a casa, o trabalho doméstico se manteve, em termos qualitativos, inalterado pelos avanços tecnológicos induzidos pelo capitalismo industrial. As tarefas domésticas ainda consomem milhares de horas do ano típico de uma dona de casa. (DAVIS, 2016, p.231)

Segundo o relatório Tempo de Cuidar, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou um número adicional de 100 milhões de idosos que necessitarão de cuidados em todo o mundo até 2030. “À medida que envelhecerem, os idosos precisarão de cuidados mais críticos e de longo prazo de sistemas de saúde que estão mal preparados para atendê-los”<sup>47</sup>. No livro *Pequena coreografia do adeus*, a pessoa idosa, a maternagem e os desafios da sociedade para lidar com pessoas que necessitam de cuidados são abordados de forma muito poética, mas nada romantizada, pela autora Aline Bei, que passeia sobre a solidão da infância, as violências a que as mulheres são diárias e geracionalmente submetidas em casa, nas ruas, e sobre as cobranças, a responsabilidade e a necessidade de se encaixar na expectativa social em torno delas. O livro levantou intensos debates sobre a economia do cuidado, tanto com crianças quanto com adultos que necessitem de cuidados, pois a mãe da personagem principal desenvolve Alzheimer e não possui uma boa relação com a filha (que foi criada por essa mãe do jeito que a mãe foi ensinada a criar e foi abandonada pelo pai, que constituiu outra família e nunca mais exerceu a mínima paternidade que exercia em casa). Essa história mostrou mais uma vez um grupo de mulheres julgando outras mulheres, iluminando o não reconhecimento e o peso do trabalho reprodutivo, do trabalho doméstico, de todo o planejamento por trás da rotina invisível das famílias brasileiras.

---

<sup>47</sup> Relatório disponível para download em [Tempo de Cuidar | Oxfam Brasil](#), acesso em 20 de Junho de 2023

O relatório Tempo de Cuidar também apresenta dados sobre quem cuida dessas pessoas que precisam de cuidados. Segundo o relatório, “as mulheres são responsáveis por mais de três quartos do cuidado não remunerado e compõem dois terços da força de trabalho envolvida em atividades de cuidado remuneradas”<sup>48</sup>. Essa disparidade entre gêneros é também atravessada por uma das heranças da escravização, que é colocar a mulher negra nesse lugar de cuidado e de servidão, de certa forma perpetuado até os dias atuais.

As enervantes obrigações domésticas das mulheres em geral oferecem uma flagrante evidência do poder do sexismo. Devido à intrusão adicional do racismo, um vasto número de mulheres negras teve de cumprir as tarefas de sua própria casa e também os afazeres domésticos de outras mulheres. E com frequência as exigências do emprego na casa de uma mulher branca forçavam a trabalhadora doméstica a negligenciar sua própria casa e até mesmo suas próprias crianças. Enquanto empregadas remuneradas, elas eram convocadas a ser mães e esposas substitutas em milhões de casas de famílias brancas. (DAVIS, 2016, p.239)

Porém, não é por conseguir terceirizar esse serviço por ter condições financeiras para tal, nem por ter uma escolaridade mais alta e conseguir melhores empregos, que uma mulher consegue se igualar ao homem na questão do cuidado. No Brasil, segundo dados do IBGE:

As mulheres trabalham, em média, três horas por semana a mais do que os homens, combinando trabalhos remunerados, afazeres domésticos e cuidados de pessoas. Mesmo assim, e ainda contando com um nível educacional mais alto, elas ganham, em média, 76,5% do rendimento dos homens. Essas e outras informações estão no estudo de Estatísticas de Gênero, divulgado pelo IBGE. (SALES, 2022, p.36)

O imaginário social que coloca a mulher negra sempre no lugar da cuidadora e a mulher branca profissionalmente bem sucedida como exemplo de empoderamento feminino foi tensionado no Clube durante a leitura do livro *Suíte Tóquio*. Neste livro, a autora Giovana Madalosso traz a história de uma família branca de classe alta composta por uma mulher muito bem sucedida que sustenta a casa, por um marido totalmente coadjuvante que não se responsabiliza por nenhuma decisão e quase nenhum cuidado com a filha e por uma criança que fica a maior parte do dia aos cuidados quase exclusivos de uma babá, que é convencida ao longo da história a morar na casa dos patrões, trabalhando muito mais do que o que as leis trabalhistas consideram adequado e recebendo muito menos do que seu

---

<sup>48</sup> Idem

trabalho realmente vale. Essa funcionária se incomoda com a falta de amor recebido pela criança, e acaba por sequestrá-la, dando início à história principal do livro.

Durante as *lives* de leitura e debate dessa história, muitas reflexões chamaram a atenção. Uma delas foi o fato de a babá não ser negra, dado que só aparece mais ou menos na metade da história e que chocou muitas leitoras, algumas que diziam até terem retornado no livro procurando alguma passagem que sugeria que ela fosse negra, tentando camuflar o racismo dessa suposição. Outra reflexão foi a condescendência para com o marido, que apesar de não contribuir em praticamente nada para a família, ainda era tido por algumas leitoras como um pai presente, que dava amor para a filha, que fazia o “papel de mãe”. Porém, outras participantes e também a própria Manuela d’Ávila fizeram questão de ressaltar que as decisões com relação à filha eram tomadas pela mãe, a relação de trabalho com a babá era comandada pela mãe, e que, se o pai estivesse exercendo a sua paternidade plenamente, possivelmente a babá nem seria necessária.

Essa “performance masculina da inutilidade”<sup>49</sup> inclusive esteve presente e foi destacada em algumas outras leituras (como no livro *A vegetariana*, onde a protagonista inicia um processo de adoecimento mental e o marido é incapaz de fazer sua própria comida), muitas vezes ressaltada por mim, além de outras mulheres que não se sentiam confortáveis com a diferença de régua adotada por um grupo de maioria feminina para medir os personagens homens e as personagens mulheres, sendo muito menos generosas com as falhas, os erros e as atitudes das mulheres nos livros.

Após um mês de debates acirrados, até mesmo com algumas pessoas querendo prender a babá do livro (que sequestrou uma criança que não recebia nenhuma atenção dos pais e que passava cerca de 18 horas por dia com ela, apenas com o objetivo de criá-la como uma filha que ela desejou ter, mas que não conseguiu porque perdeu até mesmo o marido ao praticamente se mudar para a casa da patroa a fim de cumprir a carga horária exigida pela mesma) e outras julgando a mãe por ser fria com a filha (os principais momentos de ternura vivenciados pela criança ao longo do livro foram com a babá), por abandono parental (a mãe decide aceitar uma promoção que implica em sua ausência por

---

<sup>49</sup> Termo que diz que os homens não são incapazes de exercer as tarefas domésticas, eles apenas escolhem fingir que não sabem fazer, não aprender ou fazer mal feito, performando inutilidade, para que as mulheres sigam assumindo todas as funções. Melhor desenvolvido em [A performance masculina de inutilidade ~ Não Me Kahlo](#), acesso em 02 de Julho de 2023.

alguns períodos longos) ou por egoísmo (a mãe se envolve num caso extraconjugal ao longo do livro) tivemos a presença da autora Giovana Madalosso na *live* final, que se disse feliz com a repercussão que o livro atingiu nacionalmente e até internacionalmente, porém ela vê que o livro chegou muito até as ‘Fernandas’ (nome da patroa no livro) e chegou pouco até as ‘Majus’ (nome da babá no livro), e que ela gostaria não só que a leitura chegasse até estas, mas também que existissem histórias contadas por elas.

Nesse turbilhão de atividades e preocupações, sobra pouco tempo para cuidar de si, para se dedicar a projetos pessoais, para se relacionar com outras pessoas e, nesse ponto, o Clube de Leitura da Manu foi muito importante para as participantes, que se viram reconhecidas e acolhidas em um espaço com outras mulheres, onde compartilharam vivências, medos, inseguranças e também alegrias, vitórias e afeto. O fato de as histórias lidas coletivamente serem escritas por mulheres aproximou as participantes em pontos comuns, muitas vezes associados à maternidade, e poder trabalhar determinados temas baseadas na vida de personagens fictícias deu a liberdade de explorar várias nuances do mesmo problema.

Esse ambiente virtual seguro construído ao longo das edições se mostrou especialmente relevante quando as leituras traziam relatos de violências sofridas pelas mulheres e outros grupos oprimidos, e é sobre essas violências que vou falar a seguir.

### **3.2 - A literatura trazendo à tona as mais diversas formas de violência**

“Depois que um país assiste a veículos de mídia praticarem misoginia contra a presidenta da República, setores da sociedade sentem-se autorizados a todos os tipos de preconceito e violência contra as mulheres.” (D’ÁVILA, 2020, p. 67 e 68). Manuela D’Ávila foi (e ainda é) vítima de muita violência política de gênero durante sua carreira política, o que se intensificou na campanha eleitoral de 2018, quando ela concorreu como vice na chapa com o professor Fernando Haddad (PT). Após a derrota nas urnas, ela resolveu publicar o livro *E Se Fosse Você*, relatando as diversas violências sofridas e o quanto isso impacta no dia a dia e no convívio com seus amigos e familiares. Segundo ela, esse discurso de ódio contra as mulheres está diretamente relacionado com a construção histórica capitalista patriarcal que

oprime as mulheres, sedimentando as desigualdades de gênero e disseminando práticas e crenças misóginas (D'ÁVILA, 2020), muito utilizadas inclusive pelo candidato que venceu as eleições presidenciais de 2018, Jair Messias Bolsonaro<sup>50</sup>.

Em um outro livro organizado pela Manuela (*Sempre foi sobre nós - Relatos da violência política de gênero no Brasil*), compilando depoimentos de mulheres da política que também foram vítimas de ataques relacionados ao seu gênero, a deputada Talíria Petrone diz que:

Política não é entendida como lugar de mulher, porque poder não é para mulher. Mulher não pode. Porque o espaço público não é para mulher. O lar e o cuidado são reservados para nós. Quando corpos como os nossos decidem trabalhar pela retomada de poder para o povo, a elite teme. E acuada, faz o que sabe. Ameaça. Intimida. Mata. (D'ÁVILA org., 2021, p. 198)

Porém, não é apenas no âmbito político que as mulheres são vítimas de violência. Dentro de casa, nos espaços profissionais, nas ruas, nas redes sociais, em todos os lugares as mulheres são xingadas, humilhadas, oprimidas, violentadas ou silenciadas. Segundo bell hooks (2019), é preciso partir do individual para modificar o todo e

(...) precisamos agora encorajar as mulheres a desenvolver uma compreensão abrangente, aguçada, da realidade política da mulher. Perspectivas mais amplas só podem emergir se examinarmos tanto a dimensão pessoal que é política quanto os aspectos políticos da sociedade como um todo, assim como as políticas orientadas à revolução global. (hooks, 2019, p. 57)

Um desses aspectos destacados pela autora é a construção do imaginário coletivo por quem detém o poder da comunicação. Ela diz que a literatura dominante, branca, do imperialismo ocidental, reforça os padrões sexistas e que

Por meio dessa literatura, as mulheres são encorajadas tanto a aceitar a ideia de que a violência aumenta e apimenta o prazer sexual quanto a acreditar que a violência é um signo de masculinidade e um gesto de cuidado, que quanto mais violento é um homem maior a intensidade de seu afeto e seu cuidado. Assim, essas leitoras aprendem que a aceitação passiva da violência é essencial para que possam obter as recompensas do amor e do cuidado. E isso geralmente é o caso na vida das mulheres. Elas precisam aceitar a violência nas suas relações íntimas, e isso vale também entre lésbicas, porque não querem abrir mão desse cuidado. (hooks, 2020, p.184 e 185)

No entanto, os grupos historicamente oprimidos não ficaram em silêncio e tentam até os dias atuais desmistificar velhos estereótipos, apresentar novas

<sup>50</sup> [Veja nove vezes em que Bolsonaro atacou os direitos das mulheres](#), acesso em 21 de Julho de 2023.

verdades. O problema é que o grupo que controla quem pode falar e sobre o que pode falar, tenta de diversas formas descredibilizar ou desencorajar essas reações.

Collins (2019), ao falar essa violência epistemológica diz que:

Tradicionalmente, a supressão das ideias das mulheres negras em instituições sociais controladas por homens brancos levou as afro-americanas a usar a música, a literatura, as conversas cotidianas e o comportamento cotidiano como dimensões importantes para a construção de uma consciência feminista negra. (COLLINS, 2019, p. 402)

Ela diz que o uso de mecanismos de socialização de conhecimento são importantes para uma construção coletiva, e que esses mecanismos (a comunicação através de canções, livros, conversas na fila da padaria, etc) devem ser usados para gerar conexões, essas sim, fundamentais para o fortalecimento e a consolidação de uma ideia.

Um dos pressupostos epistemológicos básicos subjacentes ao uso do diálogo na avaliação de reivindicações de conhecimento é o de que a conexão, e não a separação, é um componente essencial do processo de validação do conhecimento. (COLLINS, 2019, p. 416)

O Clube de Leitura da Manu é um ambiente onde essas conexões são criadas. A escolha de fazer uma leitura coletiva de livros escritos por mulheres, entre elas negras, amarelas, LGBTQIAP+, de culturas muito diferentes da nossa, mostra que as diferenças não nos afastam, pelo contrário, podem nos aproximar, ao compreender que todas sentimos dores semelhantes. A estratégia de dividir os grupos subordinados em grupos menores e dizer que eles são diferentes é favorável à perpetuação do discurso dominante do patriarcado misógino, homofóbico e racista. Collins (2019) defende que o ponto de união desses grupos inferiorizados pode ser a coletividade feminina.

Em vez de enfatizar as diferenças entre, de um lado, o ponto de vista e a epistemologia das mulheres negras e, de outro, o ponto de vista e a epistemologia das mulheres brancas, dos homens negros e de outras coletividades, as experiências das mulheres representam um espaço social específico para análise dos pontos de conexão entre as diferentes epistemologias. (COLLINS, 2019, p. 430)

Dessa forma, analisando retroativamente, é notável perceber como a Manuela d'Ávila usou histórias de mulheres das mais diversas origens para mostrar para um grupo predominantemente feminino que existem muitas lutas que são invisibilizadas até mesmo dentro do movimento feminista, e que a emancipação feminina precisa incluir a luta pelo fim de todas as formas de opressão.

Ela já começou inquietando o grupo com a leitura do livro *Baratas*, escrito pela Scholastique Mukasonga, no qual a autora faz um relato autobiográfico sobre o massacre contra os *tutsis*, ocorrido em Ruanda em 1994, onde a autora perdeu 37 familiares. Ao longo da leitura do livro e dos debates do mês, tanto Manuela quanto as participantes se diziam chocadas sobre o desconhecimento desse fato, visto que a grande maioria das pessoas que comentaram já eram, no mínimo, adolescentes quando tudo isso ocorria ali do outro lado do Atlântico. Foi ressaltado também o apagamento da história dos povos africanos, principalmente quando duas participantes adolescentes pediram para falar e relataram que ainda hoje essa história não está presente nas aulas e no programa escolar delas, apesar de já ser Lei desde 2003<sup>51</sup>.

Quando algumas participantes usavam um tom mais incrédulo e distante, dizendo que o genocídio relatado é uma tragédia, que a violência descrita era um absurdo, ainda mais sabendo que ocorreu há tão pouco tempo, e dando graças por isso não ocorrer aqui no Brasil, a Manuela, gentil porém prontamente, lembrava dos anos de escravidão no nosso país, da violência diária contra a população negra no Brasil e do genocídio dos jovens negros periféricos que se perpetua até hoje <sup>52</sup>. Esse genocídio, conforme descrito por Abdias Nascimento (2016), envolve não apenas o ato direto de matar os negros, mas um acúmulo histórico de mitos, políticas e violências contra os negros, como o branqueamento da raça, o embranquecimento cultural, o apagamento e desvalorização da cultura Afro-Brasileira e tantos outros exemplos citados.

Essa primeira leitura e os debates provocados por ela já mostraram o quanto as pessoas estavam dispostas a aprender e a se expor a determinados assuntos, mas também iluminou o lugar de privilégio da maioria das pessoas inscritas e os desafios de mediação da Manuela, para tentar encurtar as distâncias entre as

---

<sup>51</sup> LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em [L10639](#), acesso em 16 de Maio de 2023.

<sup>52</sup> "De acordo com o Atlas da Violência 2020, pretos e pardos representaram, em 2018, 75,7% das vítimas de homicídios, ao passo que, para pessoas não negras – brancas, amarelas e indígenas – a taxa foi de 13,9%. Em direções opostas, entre 2008 e 2018, as taxas de homicídio apresentaram um aumento de 11,5% para pessoas negras, enquanto para os não negros houve uma diminuição de 12,9%. Se pensarmos em alguns recortes, os dados são igualmente estarrecedores. A chance de uma mulher negra ser assassinada é quase duas vezes mais alta em relação às não negras. Para cada mulher não negra, morrem 1,7 mulheres negras." Dados da matéria: [Precisamos falar sobre o genocídio do negro brasileiro | Nexo Jornal](#), acesso em 17 de Maio de 2023.

realidades vivenciadas pelas participantes das realidades relatadas nas histórias escolhidas. Nessas comparações também sempre era lembrado o genocídio dos povos indígenas e o descaso do governo Bolsonaro durante a pandemia, acarretando perdas que poderiam ter sido evitadas, em sua grande maioria, de pessoas pretas, pobres e indígenas.

Diferente do primeiro livro, que as participantes leram e não relataram nas *lives* semelhanças com suas vidas, o segundo livro lido no Clube, *Cidadã de Segunda Classe*, da Buchi Emecheta, provocou muitas associações e trouxe muitos depoimentos ligados aos assuntos infelizmente comuns a várias mulheres: violência doméstica (física, psicológica e sexual), solidão, vulnerabilidade e desafios da maternidade. O tema de violência doméstica apareceu em diversos níveis em muitas das histórias, mostrando que ainda é assunto recorrente e tem raízes históricas pois “(...) a violência doméstica contra as mulheres tem sido tolerada pelos tribunais e pela polícia como reação legítima ao não cumprimento, por parte das mulheres, de suas obrigações domésticas.” (FEDERICI, 2019b, p.93). Foi se criando um espaço tão acolhedor e solidário dentro do Clube, que uma participante pediu para entrar na *live* para contar sobre como foi a sua vida vivendo um relacionamento abusivo, como é difícil se ver dentro deste tipo de relacionamento e como é difícil sair desse ciclo. Ela chorou bastante ao relatar a violência sofrida, principalmente psicológica mas que, segundo ela, “provocava dores físicas” e, ao não conseguir mais continuar seu relato, tomada de emoção, foi muito acolhida no *chat* por outras mulheres e ao vivo pela Manuela, que agradeceu pela coragem dela em compartilhar sua experiência e estimulou que as mulheres sempre tentem perceber que não estão sozinhas.

Essa sequência inicial foi importante para lembrar que, apesar de diferenças de classe, raça e outras formas de opressão, todas são mulheres e, como tal, estão submetidas aos mecanismos opressores do machismo, da misoginia e do patriarcado. Por isso que eu concordo com bell hooks (2022) ao simplificar a definição de feminismo dizendo que: “Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão.” (hooks, 2022, p. 13).

A futura luta feminista precisa ser solidamente alicerçada no reconhecimento da necessidade de erradicar os fundamentos e as causas culturais do sexismo e de outras formas de opressão social. Sem desafiar e modificar essas estruturas filosóficas, nenhuma reforma feminista terá um impacto duradouro. (hooks, 2019, p.66)

É importante sempre lembrar que, mesmo que algumas mulheres já tenham conquistado lugares de privilégio, coletivamente essas conquistas ainda não provocaram grandes transformações sociais. Joice Berth (2019) diz que

(...) isso não significa que a dimensão individual esteja alijada do processo, ao contrário. O empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que a coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento. (BERTH, 2019, p. 54)

Outra forma de violência foi destacada nessas primeiras leituras, a xenofobia e o apagamento cultural dos povos africanos. Logo de início, a Manuela trouxe para a conversa a diferença cultural entre as autoras, uma de Ruanda e outra da Nigéria, destacando o processo de colonização no continente africano e desmistificando o discurso que tenta representar a África como um lugar único, com um só povo e uma só cultura. Segundo bell hooks (2019): “Tirar a atenção dos estereótipos é necessário se quisermos rever nossas estratégias e trilhar novos caminhos. (hooks, 2019, p.63). É como diz Chimamanda (2009) ao falar sobre a visão que o imperialismo norte-americano promove de outras culturas, principalmente no caso do continente africano, generalizando todos os povos do continente como uma só sociedade, que tem como características o subdesenvolvimento, a pobreza, a violência e o atraso.

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. É claro que a África é um continente repleto de catástrofes. (...) Mas existem outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante, falar sobre elas. (ADICHIE, 2009, p. 26 e 27)

Um livro que ajudou a discutir essa “história única” foi o *Sem Gentileza*, da sul africana Futhi Ntshingila, que iniciou trazendo o assunto de políticas sociais assistencialistas, das desigualdades que provocam tanta pobreza, miséria, fome, da falta de acesso a serviços básicos como direito à saúde, porém também mostrou uma personagem feminina forte, inteligente e bem sucedida, apresentando esse país como apenas mais um que luta com essa desigualdade social abissal, muito semelhante ao Brasil. Na história, a mãe da protagonista padece de AIDS por fome, mesmo tendo em mãos os remédios para tratamento da infecção pelo vírus HIV, e foram feitos paralelos com o Brasil enfrentando uma pandemia governado por um negacionista, o que acabou provocando muitas mortes evitáveis. Nesse ponto, eu

reafirmo as palavras de Federici (2019), quando ela diz que: “A pobreza resultante de cortes em bem-estar, emprego e serviços sociais deveria ser considerada, em si, uma forma de violência.” (FEDERICI, 2019, p.102).

Na sequência da história, se aprofunda uma discussão em torno das violências sexuais provocadas por pessoas de confiança, pessoas que deveriam significar conforto e acabam se utilizando dessas posições de poder para violentar e silenciar, principalmente as mulheres. Nesse livro, o estupro ocorre com um líder religioso e com um familiar, apresentando o lugar-comum da violência sexual, fazendo um paralelo com o poder e a confiança de um líder religioso, como aparece no livro *Açúcar Queimado*, e fazendo um contraponto ao estupro que ocorreu no livro *Vista Chinesa*.

Neste último, a autora Tatiana Salem Levy narra um estupro vivido por uma personagem branca, de classe média alta, moradora de bairro nobre no Rio de Janeiro. Muitas participantes se sentiram mais impactadas por este livro, algumas alegando que não estavam conseguindo dar seguimento à leitura por ativar muitos gatilhos, outras sobre o aumento do medo de existir enquanto mulher e estar submetida a este tipo de perigo. Nesse ponto, chama a atenção o porquê de este livro estar aparentemente incomodando mais, se era porque narrava com mais detalhes a violência sofrida ou se era porque era escrito por autora branca e a violência estava sendo vivida por uma personagem branca? Será que os outros livros, escritos por autoras negras e com personagens negras, não provocavam tanto devido à alteridade, visto que a maioria das participantes do Clube são mulheres brancas?

Segundo a pesquisa *online Percepções sobre estupro e aborto previsto por lei*, realizada em 2020 pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva<sup>53</sup>, com uma amostra de 2000 pessoas e com abrangência nacional, 95% das mulheres entrevistadas têm medo de serem vítimas de estupro no Brasil, e 52% de todos os entrevistados conhecem ao menos uma vítima de estupro. Porém, os livros citados anteriormente também relataram violências sexuais (domésticas e com mulheres negras) e não causaram tanta comoção com relação a gatilhos. Isso porque, apesar de dados do Anuário de Segurança Pública 2019 apontarem que um estupro é

---

<sup>53</sup> Disponível em [Pesquisa: Brasileiros reconhecem impacto do estupro e direito das vítimas ao aborto previsto por lei](#), acesso em 16 de Junho de 2023.

registrado a cada 8 minutos no Brasil e que a maioria das vítimas (85%) são mulheres, a sociedade parece abafar os dados que apontam que em quase 84% dos casos os estupradores são conhecidos das vítimas, e que a vítima é criança ou vulnerável em 70% dos casos. No imaginário coletivo, o estuprador é o veiculado pelo audiovisual, o homem (quase sempre negro) que surge do meio do mato ou de trás do poste, na rua deserta, ataca a vítima desconhecida e depois foge. E esse é o estupro narrado no livro *Vista Chinesa*, exceto por um detalhe: o estuprador não é negro.

Nesse contexto, o pacto da branquitude (BENTO, 2022) e o privilégio branco são trazidos à tona nos debates. Primeiro quando a cor do estuprador choca e parece “errada”, reiterando que o pacto usa o medo para perpetuar os preconceitos enraizados na sociedade. Importante destacar que, como diz Cida Bento em seu livro, esse pacto é invisível, entranhado entre os brancos, nem sempre eles entendem como racismo essa estranheza ao verem seus iguais com atitudes que eles consideram (por conta de toda uma construção social) “atitude de negro”.

Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. (BENTO, 2022, p.18)

No entanto, reconhecer seus privilégios já é um primeiro passo para desconstruir esse racismo enraizado e foi importante uma participante branca enfatizar a credibilidade da vítima do *Vista Chinesa* (branca, rica) ao narrar a violência sofrida, a rede de apoio que ela teve, o acesso aos cuidados, o trato das autoridades de segurança com ela, e a Manuela reiterar esses pontos, inclusive acrescentando a reflexão de como se agrava a violência quando incide a questão social e econômica. Além da violência do ato em si, se somam as violências da descredibilidade, da dúvida, da falta de assistência à saúde, da necessidade de seguir a vida por precisar trabalhar para ter a renda, etc.

A leitura deste livro seguiu provocando gatilhos, mas também fortaleceu o espaço do Clube como um espaço seguro e de acolhimento. Ao longo do mês de leitura dessa história, dezenas de participantes compartilharam relatos pessoais de violências sofridas, de vários níveis, a maioria no ambiente domiciliar, poucas por vídeo mas muitas através do *chat*, e agradeceram a oportunidade de conversar sobre essas questões naquele espaço. Muitas mulheres afirmaram que viram suas

mães e avós permanecendo em relações tóxicas e abusivas e que querem que as novas gerações tenham mais consciência, mais opções e mais apoio para se livrarem dessas relações.

A violência de gênero que vivenciamos hoje reflete as dinâmicas contraditórias da família e da vida pessoal na sociedade capitalista. E essas, por sua vez, são baseadas na inconfundível divisão, pelo sistema, entre a produção de pessoas e a obtenção de lucro, família e “trabalho”. Um desdobramento fundamental foi a mudança das famílias estendidas baseadas no parentesco de uma época anterior - nas quais os homens idosos detinham o poder sobre a vida e morte das pessoas que deles dependiam - para a família nuclear heterossexual e restrita da modernidade capitalista, que conferiu aos homens “humildes” que comandava famílias menores um direito atenuado de dominar. Com essa mudança, o caráter da violência de gênero baseada no parentesco foi transfigurado. O que no passado era abertamente político se tornou “privado”: mais informal e “psicológico”, menos “racional” e controlado. Muitas vezes incitado pelo álcool, a vergonha e a ansiedade em relação à manutenção da dominação, esse tipo de violência de gênero é encontrado em todos os períodos do desenvolvimento capitalista. (ARRUZZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019, p. 57 e 58)

Esses debates entre mulheres lendo mulheres ao longo das reuniões do Clube de Leitura da Manu reforçam o quanto é importante compartilhar experiências, o quanto conversar ilumina determinadas situações que podem estar passando despercebidas ou encoraja a tentar sair de lugares onde se sente oprimida. Segundo Federici (2019), esse poder da aproximação e da amizade entre mulheres foi identificado e historicamente vilipendiado, começando por atacar um termo (gossip = fofoca), que inicialmente indicava amizade e solidariedade entre mulheres e depois virou sinônimo de maldade e intriga.

Imputar um sentido depreciativo a uma palavra que indicava amizade entre as mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média, quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa que era a causa de uma força sem-par na era moderna. (FEDERICI, 2019, p.75)

A amizade entre mulheres foi tão mal falada que criou-se uma rivalidade, e muitas mulheres cresceram achando que era melhor ser amiga de homem. Em paralelo a isso, as mulheres que se recusaram a se subjugar, que guardavam conhecimentos passados de geração em geração, que se opunham às novas formas de organização social e que se revoltaram contra o “sistema” foram taxadas como bruxas, seres malignos a quem todos deviam temer.

As acusações de bruxaria, na verdade, são o mecanismo supremo de alienação e distanciamento, na medida em que tornam as pessoas acusadas - que ainda são principalmente mulheres - seres monstruosos, dedicados à destruição de suas comunidades, transformando-as, portanto,

em não merecedoras de qualquer compaixão e solidariedade. (FEDERICI, 2019b, p.138)

Um dos livros do Clube era protagonizado justamente por uma dessas mulheres muito à frente do seu tempo. *Eu, Tituba - Bruxa Negra de Salem*, escrito pela guadalupense Maryse Condé, narra com muita ironia a história de uma escravizada que teve a vida cercada de violências (nasceu originada de um estupro, a mãe foi assassinada, o homem que exercia o papel de pai se suicidou, etc) mas que resistiu, aprendeu os rituais e medicina tradicional africana com uma sacerdotisa e foi acusada de bruxaria por uma sociedade puritana do Sul dos Estados Unidos. O medo que a Tituba provocava nas pessoas era justamente o medo do conhecimento dela, da resistência, da sagacidade. E, para aplacar o medo, a sentença era a morte.

Nas fogueiras não estavam apenas os corpos de “bruxas”, destruídos; também estava todo um universo de relações sociais que fora a base do poder social das mulheres e um vasto conhecimento que elas haviam transmitido, de mãe para filha, ao longo de gerações - conhecimento sobre ervas, sobre meios de contracepção ou aborto e sobre quais magias usar para obter o amor dos homens. (FEDERICI, 2019, p.72)

Esse silenciamento e controle dos corpos femininos também apareceu na discussão do livro *O conto da aia*, um romance distópico futurista sobre a instituição de um Estado teocrático, patriarcal, fundamentalista e misógino, que retira todos os direitos das mulheres, classificando-as em categorias sociais, de acordo com sua capacidade de reprodução. A história, tão assustadoramente próxima da nossa realidade, fez com que as mulheres entendessem ainda mais o quanto é importante se unir para evitar que essa distopia se torne uma realidade. Nas palavras de bell hooks (2019):

As mulheres não precisam eliminar suas diferenças para construir vínculos de solidariedade. Não precisamos viver sob a mesma opressão para combatermos a opressão em si. Não precisamos sentir hostilidade contra os homens para nos unirmos, tão grande é a riqueza das experiências, culturas e ideias que podemos partilhar umas com as outras. Podemos ser irmãs unidas pelo compartilhamento de interesses e crenças, unidas em nosso apreço pela diversidade, unidas em nossa luta para acabar com a opressão sexista, unidas na solidariedade política. (hooks, 2019, p. 174)

Esse livro trouxe muitas correlações com o governo Bolsonaro, com os ataques à cultura e à educação, o fortalecimento do machismo, dos preconceitos, a apropriação do feminismo por mulheres não feministas, a guerra contra a descriminalização do aborto e a defesa da “família tradicional brasileira”, lembrando

Federici (2019) que diz que o controle sobre os corpos femininos é necessário para a manutenção do *status quo* do sistema capitalista em que vivemos. As mulheres (pobres, negras, periféricas) não podem decidir quando vão produzir novos trabalhadores, então eles atacam o acesso a formas eficazes de prevenção de gestação, proíbem aulas sobre educação sexual nas escolas, criminalizam o aborto e seguem controlando nossos corpos para perpetuar o sistema. E, caso nasçam e não sigam à risca o que o capitalismo exige deles, os matam, de fome, de doença ou de tiro.

Os diálogos em torno da leitura de *O conto da aia* fizeram com que a Manuela refletisse que ela estava conseguindo chegar muito mais longe nos debates com a literatura, do que chegaria caso estivesse fazendo um Clube lendo teoria, que a literatura abre mais o leque, permite trazer mais temas ao mesmo tempo para a conversa. Como também foi o livro que mais nitidamente opôs homens e mulheres na narrativa, a participação dos homens do Clube se fez mais evidente, o que me faz resgatar a fala da bell hooks (2019) que diz que:

Mulheres e homens precisam se opor ao uso da violência como um meio de controle social em todas as suas manifestações: guerra, violência masculina contra a mulher, violência adulta contra crianças, violência dos jovens, violência racial, etc. Com adesão em massa, um movimento assim poderia ser um catalisador do processo de conscientização da necessidade de se acabar com a dominação masculina sobre as mulheres, num contexto em que estamos trabalhando para erradicar a ideia de que estruturas hierárquicas deveriam ser a base das interações humanas. (hooks, 2019, p.193)

É importante chamar os homens na luta contra o machismo, a misoginia e o patriarcado, pois

A violência masculina individual também é uma resposta às exigências mais assertivas das mulheres por autonomia e independência econômica ou, mais simplesmente, uma reação negativa contra a ascensão do feminismo. (FEDERICI, 2019, p.100)

O feminismo é um movimento amplo que pretende abarcar e lutar contra todas as formas de opressão. Na sequência vou falar sobre ser necessário também “libertar a sexualidade não apenas das formas de família procriadora e normativa, mas também das restrições de gênero, classe e raça...” (ARRUZZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019, p. 73). As opressões são cumulativas e atravessadas por outras formas de opressão. Como diz a Federici (2019): “A transfobia também agrava a misoginia.” e “A misoginia também é agravada pelo racismo.” (FEDERICI, 2019, p.100)

A pauta da população LGBTQIAP+ só veio à tona quando iniciamos a leitura do livro *O parque das irmãs magníficas*, escrito por uma autora trans, a travesti Camila Sosa Villada, que narra em forma de realismo fantástico a vida de amigades, dores e violências de um grupo de travestis em Córdoba, na Argentina, baseada na sua própria experiência de vida. O livro tira a invisibilidade desse grupo de pessoas, muitas vezes marginalizadas, destituídas de humanidade, cuja pouca representatividade é ancorada em estereótipos preconceituosos e limitantes, e que carregam muitas vivências, histórias e afetos que necessitam ser contados, valorizados e normalizados. As travestis costumam sempre ser associadas negativamente à prostituição, o que choca a sociedade conservadora pois “no capitalismo, o sexo só pode existir como força produtiva a serviço da procriação e da regeneração do trabalhador assalariado/masculino e como meio de pacificação e compensação social pela miséria da existência cotidiana.” (FEDERICI, 2019, p.68)

Durante o mês de debate foi a primeira vez que uma pessoa trans apareceu para falar, contribuindo para o letramento das participantes, respondendo às perguntas respeitadas que foram feitas durante a sua participação, estimulando as trocas, as conversas, e também a busca espontânea por conhecimento, para tentar minimizar as violências sofridas por essa população.

Tivemos ainda uma *live* extra com a autora, que foi muito emocionante, com a Camila Sosa Villada compartilhando um pouco do seu processo criativo, da sua infância, da sua existência no mundo enquanto travesti, trazendo à tona o debate do feminismo radical que desqualifica as mulheres trans, com o argumento de que estas não são socializadas como mulheres, e ela rebateu dizendo que realmente não o são, mas também não são socializadas como homens, são socializadas como travestis, criadas para serem odiadas e consumidas, desde a infância.

A liberdade sexual só pode existir quando os indivíduos não são mais oprimidos por uma sexualidade socialmente construída que tem por base definições biologicamente determinadas da sexualidade: repressão, culpa, vergonha, dominação, conquista e exploração. Para criar as condições ao desenvolvimento da liberdade sexual, o movimento feminista precisa continuar a focar no fim da opressão sexual da mulher. (hooks, 2020, p. 218)

Vale lembrar que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo<sup>54</sup>, com o último dossiê organizado pela Associação Nacional de Travestis e

---

<sup>54</sup> [Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo](#), acesso em 19 de Junho de 2023.

Transexuais (ANTRA) mostrando que só em 2022, 131 pessoas trans foram assassinadas no Brasil, além de outras 20 que cometeram suicídio devido transfobia<sup>55</sup>. Esse foi um mês de intenso aprendizado para a grande maioria das participantes do Clube, mostrando que mesmo dentro de um grupo majoritariamente progressista, algumas pautas ainda parecem ser deixadas de lado, dentre elas a invisibilização da comunidade trans, e é preciso avançar em muitos pontos na construção da sociedade que dizemos defender.

Outra leitura que deu continuidade e ampliou o debate em torno da população LGBTQIAP+ foi a do livro *Garota, mulher, outras*, da autora Bernardine Evaristo. O interessante é que esse livro parece ter acumulado debates anteriores em uma história só, falando sobre ascensão de classe, imigração, colonialismo, racismo, maternidade, machismo, violência sexual e sobre diversas identidades de gênero e sexualidades. Esse livro inverte a lógica cisheteronormativa, racista e classista predominante na literatura, trazendo assuntos pouco comuns à tona. Com protagonistas negras, lésbicas, bem sucedidas, uma gravidez planejada por inseminação artificial em parceria com o amigo gay, um relacionamento abusivo entre mulheres, a bissexualidade e a descoberta tardia da sexualidade, a presença de um personagem trans não-binário, as diversas formas de maternidade solo, o desejo sexual na terceira idade, enfim, um mosaico de histórias, personagens e possibilidades que inflamou a curiosidade, chocou algumas participantes e reforçou o poder da literatura na ampliação da visão de mundo das leitoras.

Uma outra forma de violência é, no Brasil, muito atravessada pelo racismo. A dificuldade de acesso à educação de qualidade para a população negra é uma forma de manter os negros empobrecidos e subjugados, economicamente frágeis, capazes de se submeter a subempregos para a sua sobrevivência. Curiosamente o livro que mais atraiu participantes negras ao debate foi escrito por uma autora branca. A francesa Annie Ernaux, em seu livro chamado *O lugar*, conta sobre a sua ascensão social através da educação causando um distanciamento com seus familiares e suas origens, a fazendo ocupar um “não-lugar” social e de classe, e essa história foi um convite para que participantes negras, jovens, que chegaram ao

---

<sup>55</sup> [131 pessoas trans foram assassinadas em 2022 no Brasil. aponta dossiê.](#), acesso em 19 de Junho de 2023.

nível superior através de políticas afirmativas (cotas<sup>56</sup> e PROUNI<sup>57</sup>) entrassem para dar seus depoimentos, com a surpresa da identificação tão próxima com a história de uma mulher branca, francesa, de 80 anos, mas também destacando as distâncias, pois a cor segue sendo um marcador social para as pessoas negras que ascendem através da educação, enquanto para as pessoas brancas a transição de classe é menos “evidente”.

Esse livro teve apenas dois encontros de debates e um total de seis mulheres negras participando, sendo duas ‘prounistas’ e quatro cotistas de Universidades públicas, todas elas bolsistas no Clube.

Esse conceito de “não-lugar” foi reiterado com a leitura do livro *Minha casa é onde estou*, da autora italiana de origem somali Igiaba Scego, que narra sobre a situação de imigrantes africanos na Itália e sobre as consequências do neocolonialismo tão recente, sobre o “não-pertencimento” a lugar nenhum, e provocou muitas reflexões sobre as consequências da escravidão, da colonização e dos movimentos migratórios do Brasil, com a Manuela satisfeita com a sua curadoria de livros autobiográficos mostrando que histórias individuais contadas através de literatura geram conexões múltiplas, identificações em diversas partes do mundo, e essa é a magia do processo. Na *live* final dessa leitura, o Clube proporcionou um maravilhoso encontro virtual com a autora, que ressaltou que é importante escrever e valorizar histórias escritas por mulheres negras porque historicamente esse é um grupo silenciado e que precisa falar.

O peso da responsabilidade de cuidar - de crianças, de idosos, de pessoas doentes -, as cobranças que envolvem a maternidade, sua compulsoriedade, o altruísmo esperado das mães e a parciomoniosa exigência para com os pais, o estupro e as outras formas de violação dos corpos femininos, o estímulo à competitividade entre as mulheres, a violência psicológica dentro das casas, do

---

<sup>56</sup> A [Lei nº 12.711/2012](#), também conhecida como Lei de Cotas, instituída durante o primeiro governo da presidente Dilma Rousseff, determina que metade das vagas de instituições públicas de ensino superior devem ser destinadas a candidatos que estudaram todo o ensino médio na rede pública e, dentro desse percentual, existe a redistribuição de cotas por renda familiar per capita, cotas com critérios raciais (pretos, pardos e indígenas - PPI) e cotas para pessoas com deficiência (PcD). Ver mais em [Lei de Cotas: quem participa, como concorrer, história - Brasil Escola](#), acesso em 18 de Junho de 2023.

<sup>57</sup> O PROUNI - Programa Universidade para Todos foi uma das políticas afirmativas colocadas em vigor durante o primeiro governo do presidente Lula, que possibilitou o acesso de estudantes de baixa renda e provenientes de escolas públicas em Universidades privadas, com bolsas de estudo de 50 a 100%, financiadas pelo Governo Federal. Veja mais em [O que é PROUNI](#), acesso em 18 de Junho de 2023.

trabalho, os estereótipos reforçados através dos veículos de massa e as tantas outras formas de violência sofridas pelas mulheres, com a adição das interseccionalidades de raça, classe, gênero e sexualidades foram abordados neste capítulo. Com o apoio em discussões já muito desenvolvidas por autoras feministas que são importantes vozes dentro do movimento, internacionalmente reconhecidas e respeitadas, mostrei que é possível, através de um clube de leitura, trabalhar assuntos polêmicos, delicados e profundos a partir da literatura, sem a necessidade de livros técnicos e de jargões acadêmicos, tornando a caminhada prazerosa, acolhedora e inclusiva para todas as participantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma criança, um professor, um livro e uma  
caneta, podem mudar o mundo.

Malala Yousafzai

Existem diversas formas de luta, várias maneiras de alcançar um objetivo, e este trabalho tentou apresentar um caminho de luta política, de empoderamento feminino e de transformação social através da leitura, com a análise do Clube de Leitura da Manu.

Ao apresentar como funciona o Clube de Leitura da Manu, a quantidade de pessoas atingidas e o perfil das participantes, a minha ideia foi demonstrar a simplicidade de um projeto com tanta capilaridade, fidelidade e potência. Potência esta atingida muito por conta da mediação e curadoria da Manuela d'Ávila, que se dedica a realizar um trabalho sempre melhor com uma escuta atenta, com um extenso repertório literário e com a parceria de pessoas muito competentes e enriquecedoras ao seu redor.

Dentro do vasto campo da Produção Cultural, a literatura é o que mais me encanta. Apesar de os holofotes estarem voltados para os grandes eventos, as superproduções, os programas televisivos e até mesmo as redes sociais, eu acredito no poder do livro, sua capacidade de comunicar, de encurtar as distâncias, e, apesar de a leitura comumente ser associada a um ato individual, isolado, egoísta, este trabalho mostrou que a leitura coletiva dentro de um ambiente seguro e com uma mediação competente é capaz de estimular ainda mais as leitoras e contrapor o imediatismo do mundo atual, com seus conteúdos programados para caber em quinze segundos de vídeo, provocando debates profundos a partir de relações criadas com as histórias lidas.

Através deste trabalho eu busquei afirmar como a leitura coletiva, a utilização da literatura para extrair exemplos individuais e ampliar o debate para o todo, a criação de um ambiente seguro de compartilhamento e entrega, principalmente entre mulheres e sobre mulheres, se mostrou eficiente - no caso do meu objeto de estudo - para tensionar um grupo de mulheres a sair de suas zonas de conforto, de privilégio, de faltas ou de alienação e começar a enxergar o mundo através das lentes de outras mulheres e outros grupos oprimidos, com suas demandas, necessidades, mas também com suas contribuições e acertos.

O retorno das participantes através dos questionários e também durante as interações ocorridas ao longo do Clube de Leitura da Manu pode ser um exemplo de como a literatura impacta na vida das pessoas, como uma rede de confiança fortalece as pessoas individual e coletivamente, ampliando o olhar para o outro, gerando mais empatia e compreensão, nutrindo uma sensação de pertencimento em tempos de solidão, quebrando barreiras sociais, raciais, de gênero entre outras, abrindo caminhos entre as diferenças para transpor os abismos criados e fortalecidos socialmente, principalmente nos últimos anos.

Mergulhar na teoria de autoras feministas como a bell hooks, a Silvia Federici, a Patricia Hill Collins e a Angela Davis e ver que já existem muitas, há muito tempo, lutando pelo fim desses sistemas de opressão da nossa sociedade; buscar dados e perceber que ainda temos um longo caminho a percorrer nas nossas lutas, porém entrar em um grupo e se sentir acolhida, incluída e fortalecida por tantas mulheres incríveis, talentosas e potentes, são indícios de que não estamos sozinhas e de que vale a pena seguir lutando. Os temas do cuidado e das violências abordados por mim são apenas alguns dentre os muitos debates proporcionados através das leituras, e as limitações do trabalho não me permitiram detalhar mais outros temas relevantes, como a maternidade, que apareceu em todos os livros lidos, nem mesmo mencionar todos os debates gerados, como o excesso de exposição da nossa vida privada, que foi debatido com a leitura do livro *Kentukis* no último mês da terceira edição, cabendo futuramente aprofundar ainda mais nesses outros temas.

Conversar com uma pessoa tão ativa, disciplinada e sonhadora, ao mesmo tempo que muito realista como a Manuela d'Ávila, com todo o seu caminho no ativismo estudantil e sua carreira na política brasileira, mostra que é possível uma pessoa promover transformações coletivas importantes partindo de intervenções e trocas entre pequenos grupos.

A estrutura simples do Clube de Leitura da Manu o torna ainda mais interessante pela capacidade de reprodução da ideia para atingir ainda mais pessoas, até mesmo com a possibilidade de estimular políticas públicas nesse sentido, que incentivem mais leitura, mais formação de grupos de leitura e debate nas escolas, nas universidades, nos locais com pessoas em privação de liberdade e afins.

Há várias maneiras de se fazer uma revolução, e para bell hooks, a revolução feminista passa por uma transformação cultural: “destruir o dualismo, erradicar os sistemas de dominação.” (hooks, 2019, p. 237). Espero que esse trabalho inspire pessoas a revolucionar através da leitura, buscando ler mais, ler mais mulheres, ler mais mulheres negras, indígenas, amarelas, marrons, ler mais autoras LGBTQIAP+, a compartilhar suas ideias, suas leituras, suas histórias, seus sonhos e suas dores com o intuito de dar mais passos em direção ao fim das mais diversas formas de opressão na sociedade. Como diz o lema do Clube de Leitura da Manu: “Ler mulheres é revolucionário!”.

## Anexo 1 - Informações sobre as autoras e autores citados <sup>58</sup>

- **Aline Bei** é uma escritora brasileira nascida em São Paulo em 1987. Formada em Letras pela PUC-SP e em artes cênicas pelo Teatro-escola Célia Helena. Seu livro de estreia, *O peso do pássaro morto*, foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2018. Seu segundo livro, *Pequena Coreografia do Adeus*, foi finalista do 64º Prêmio Jabuti. Sua escrita se caracteriza por mesclar narrativa com poesia, e uso de grafismos na composição.
- **Annie Ernaux** é uma escritora e professora francesa nascida em 1940 em Lillebonne. Suas obras passeiam entre a autobiografia e estudos sociológicos e o seu livro *O lugar* é considerado um precursor do gênero literário conhecido como autossociobiografia. Em 2022 foi laureada com o Prêmio Nobel de Literatura "pela coragem e acuidade clínica com que descortina as raízes, os estranhamentos e os constrangimentos coletivos da memória pessoal"<sup>59</sup>. Seus livros já publicados no Brasil pela editora Fósforo também incluem *Os Anos*, *O Acontecimento*, *A Vergonha*, *O Jovem* e *Paixão Simples*.
- **Avni Doshi** é uma escritora americana nascida em 1982 em Nova Jersey, filha de imigrantes indianos. Atualmente vive em Dubai, na Índia. É graduada e pós-graduada em História da Arte em Nova Iorque e Londres. Seu livro de estreia, *Açúcar Queimado*, publicado no Brasil pela editora Dublinense, foi traduzido para mais de 20 idiomas e finalista do Booker Prize 2020.
- **Bernardine Evaristo** é uma professora e escritora britânica, nascida em Londres em 1959, filha de pai nigeriano, que já publicou 9 livros, dentre eles o *Garota, mulher, outras*, vencedor do Man Booker Prize 2019. Seus escritos incluem ficção curta, drama, poesia, ensaios, críticas literárias e projetos para teatro e rádio. No Brasil, além do já citado, a editora Companhia das Letras também publicou o livro *Manifesto: Sobre nunca desistir*.

---

<sup>58</sup> Informações retiradas das respectivas orelhas e contracapas dos livros com outras informações acrescentadas do Wikipedia.

<sup>59</sup> Trecho do comunicado oficial da premiação, disponível em [Annie Ernaux ganha o Prêmio Nobel de Literatura | PublishNews](#), acesso em 11 de maio de 2023.

- **Camila Sosa Villada** é uma escritora trans nascida em 1982 em La Falda, Argentina. Formada em Comunicação Social e Teatro na Universidade Nacional de Córdoba. Atuou como atriz em teatro, cinema e televisão, porém recentemente passou a se dedicar à escrita. Aclamada pela crítica por seu romance *O Parque das Irmãs Magníficas*, um realismo fantástico sobre a vida difícil, solidária, violenta e mágica de jovens trans, inspirado na sua própria experiência junto às travestis do Parque Sarmiento, em Córdoba. A editora Planeta - através do selo Tusquets - trouxe este título ao Brasil, e também publicou outra obra da autora, *Sou uma tola por te querer*.
- **Florence Onyebuchi "Buchi" Emecheta** foi uma escritora nigeriana nascida em Lagos em 1944 e falecida em Londres em 2017. Buchi escreveu 15 romances, uma autobiografia, várias peças de teatro e livros para crianças. Teve uma infância dura, se casou ainda adolescente, teve 5 filhos e viveu um relacionamento infeliz, abusivo e violento. *Cidadã de Segunda Classe* e *As alegrias da maternidade* são livros de caráter autobiográfico com alguns elementos ficcionais, fazendo com que as leitoras confundam as protagonistas com a própria autora. Além desses, foram também publicados no Brasil pela editora Dublinense, os livros *No fundo do poço* e *Preço de noiva*.
- **Futhi Ntshingila** é uma escritora sul-africana nascida em Pietermaritzburg em 1974. Formou-se em jornalismo pela Universidade de Rodes e escreveu no jornal *The Sunday Times*, de Joanesburgo. Fez mestrado em mediação de conflitos na Universidade de KwaZulu-Natal. Em seus livros, procura preservar a memória das mulheres sul-africanas. Apenas um de seus dois livros foi publicado no Brasil até o momento pela editora Dublinense, *Sem Gentileza*.
- **Giovana Madalosso** é uma escritora brasileira nascida em Curitiba em 1975, formada em Jornalismo pela UFPR, autora de 3 livros publicados no Brasil, *A teta racional*, *Tudo pode ser roubado* e *Suíte Tóquio*, este último, finalista do 63º Prêmio Jabuti na categoria Romance Literário.

- **Han Kang** é uma premiada escritora sul coreana nascida em 1970 na cidade de Gwangju. Formada em literatura coreana, publicou diversos livros até se tornar mundialmente conhecida com *A vegetariana*, livro que foi premiado com o Man Booker Prize em 2016. No Brasil, a editora Todavia também lançou seu outro livro, *Atos Humanos*.
- **Igiaba Scego** é uma escritora italiana de origem somali, nascida em Roma em 1974, filha de imigrantes. É formada em Literatura Moderna na Universidade La Sapienza e doutora em Estudos Pós-coloniais. Apaixonada pelo Brasil e pela cultura brasileira, já publicou um livro sobre a obra de Caetano Veloso intitulado *Caminhando contra o vento*. Além desse livro, a editora Nós também publicou no Brasil os livros *Minha casa é onde estou* e *Adua*, ambos sobre o imperialismo e a diáspora africana.
- **Jeferson Tenório** nasceu no Rio de Janeiro em 1977, radicado em Porto Alegre desde a década de 90. É um escritor, professor e pesquisador, formado em Letras e mestre em Literaturas Luso-Africanas pela UFRGS e doutor em Teoria Literária pela PUC-RS. Possui 3 livros publicados, *O beijo na parede*, *Estela sem Deus* e *O avesso da pele*, este último, vencedor do prêmio Jabuti na categoria Romance Literário em 2021.
- **José Carlos da Silva Junior**, mais conhecido como **José Falero**, é um escritor brasileiro nascido em 1987 em Porto Alegre. Apesar de ter iniciado na vida literária mais tardiamente, como ele mesmo diz, já publicou um livro de contos, *Vila Sapo*, um livro de crônicas, *Mas em que mundo tu vive?*, e o seu livro mais famoso, o romance *Os supridores*, em que problematiza questões sociais usando conceitos de autores como Karl Marx. De origem periférica, usa de linguagem simples e informal para abordar temas como racismo, pobreza e as injustiças sofridas por trabalhadores assalariados em seus livros.
- **Margaret Eleanor Atwood** é uma escritora canadense, nascida em Ottawa em 1939, romancista, poetisa, contista, ensaísta e crítica literária

internacionalmente reconhecida, tendo recebido inúmeros prêmios literários importantes, como o Man Booker Prize em 2000 e o Príncipe de Astúrias em 2008 pelo conjunto da obra. Também foi agraciada com a Ordem do Canadá, a mais alta distinção em seu país. *O conto da aia* é um romance distópico publicado originalmente em 1985 que assusta pelas semelhanças com os dias atuais. Possui diversos livros publicados no Brasil, entre eles *O assassino cego*, vencedor do Booker Prize 2000 e *Os testamentos*, continuação da distopia das aias.

- **Mariana Salomão Carrara** nasceu em 1986, em São Paulo. É defensora pública e autora dos romances *Fadas e copos no canto da casa*, *Se Deus me chamar não vou* (finalista do Jabuti 2020), *É sempre a hora da nossa morte amém* e *Não fossem as sílabas de sábado*, além do livro de contos *Delicada uma de nós*.
- **Maryse Condé**, nascida em Guadalupe em 1937, é uma professora feminista, autora de mais de 20 livros, de diversos gêneros literários. Em 2018 recebeu o Prêmio New Academy em literatura, láurea criada como alternativa ao Prêmio Nobel, suspenso naquele ano após denúncias de violência sexual envolvendo integrantes da instituição. No Brasil, a Rosa dos Tempos publicou seus romances *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* e *O Evangelho do novo mundo* e a editora Bazar do Tempo lançou o livro de contos *O coração que chora e ri: Contos verdadeiros da minha infância*.
- **Paulo Scott** nasceu em Porto Alegre em 1966 e radicado em São Paulo desde 2019. Formado em Direito pela PUC-RS, mestre em Direito Público pela UFRGS e doutorando em Psicologia na UFF. Escritor e professor universitário, já publicou 12 livros e recebeu diversos prêmios, entre eles o prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional, APCA e Açorianos de Literatura. Seu livro *Marrom e Amarelo* foi finalista do Man Booker Prize 2022.
- **Samanta Schweblin** nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1978 e atualmente vive em Berlim, Alemanha. Vencedora de diversos prêmios

literários importantes como o Juan Rulfo e o Casa de las Américas. Possui 3 livros publicados no Brasil, *Distância de resgate*, pela editora Record, que foi finalista do Man Booker Prize 2017; *Pássaros na boca e sete casa vazias: Contos reunidos* e *Kentukis*, ambos pela editora Fósforo.

- **Scholastique Mukasonga** é uma premiada escritora tutsi nascida em 1956 na província de Guicongoro, em Ruanda e atualmente residente na região da Baixa Normandia, França. Foi sobrevivente dos massacres no Ruanda ocorridos na década de 1990, que é o tema do livro *Baratas*. Autora de diversos livros, quatro deles já traduzidos e publicados no Brasil pela editora Nós: o já citado *Baratas*, *Nossa Senhora do Nilo*, *A mulher de pés descalços* e *Um belo diploma*.
- **Sefi Atta** é uma autora, dramaturga e roteirista nigeriana, nascida em Lagos em 1964. Foi educada em seu país natal, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Possui 4 romances publicados, além de livros infantis, contos, peças teatrais, roteiros e radionovelas. No Brasil, a editora Record publicou seu livro mais famoso, *Tudo de bom vai acontecer*, vencedor do Wole Soyinka Prize for Literature in Africa.
- **Tatiana Salem Levy** é uma escritora brasileira nascida em Lisboa, Portugal em 1979 devido ao exílio da época da Ditadura Militar no Brasil. É formada em Letras pela UFRJ com mestrado e doutorado em Estudos Literários pela PUC-Rio. É romancista, contista e ensaísta, já tendo publicado 7 livros no Brasil, sendo o último, o livro *Vista Chinesa*, onde apresenta uma história de ficção calcada no real, sobre uma violência sexual vivida por uma de suas melhores amigas.
- **Teresa Cárdenas Angulo**, nascida em Matanzas, 1970 é uma escritora, roteirista, atriz, bailarina e ativista social cubana. É uma das mais destacadas figuras da nova geração de escritores cubanos, já tendo recebido diversos prêmios como o Casa das Américas, David e o Prêmio Nacional da Crítica Literária. Sua motivação para tornar-se escritora veio ainda na infância, quando começou a ler e ficou frustrada com a ausência de personagens

negras nos livros infantis e por isso, já escreveu diversos livros infantis e exerce o ofício de contadora de histórias. No Brasil, a editora Pallas já publicou seus romances *Cartas para minha mãe* e *Cachorro Velho*.

## Anexo 2 - Certificados de participação

Clube 2021.2

# CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certifico que

**REILA TALINE SARAIVA DE JESUS**

participou do

**CLUBE DE LEITURA DA MANU**

de junho a dezembro de 2021

Conteúdo programático:

1. Baratas de Scholastique Mukasonga
2. Cidadã de segunda classe de Buchi Emecheta
3. Vista chinesa de Tatiana Salem Levy
4. Suíte tóquio de Giovana Madalosso
5. Conto da Aia de Margaret Atwood
6. Vegetariana de Han Kang



MANU  
CLUBE DE LEITURA DA  
Manu

# CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certifico que

**REILA TALINE SARAIVA DE JESUS**

participou do

**CLUBE DE LEITURA DA MANU - 2022/1**

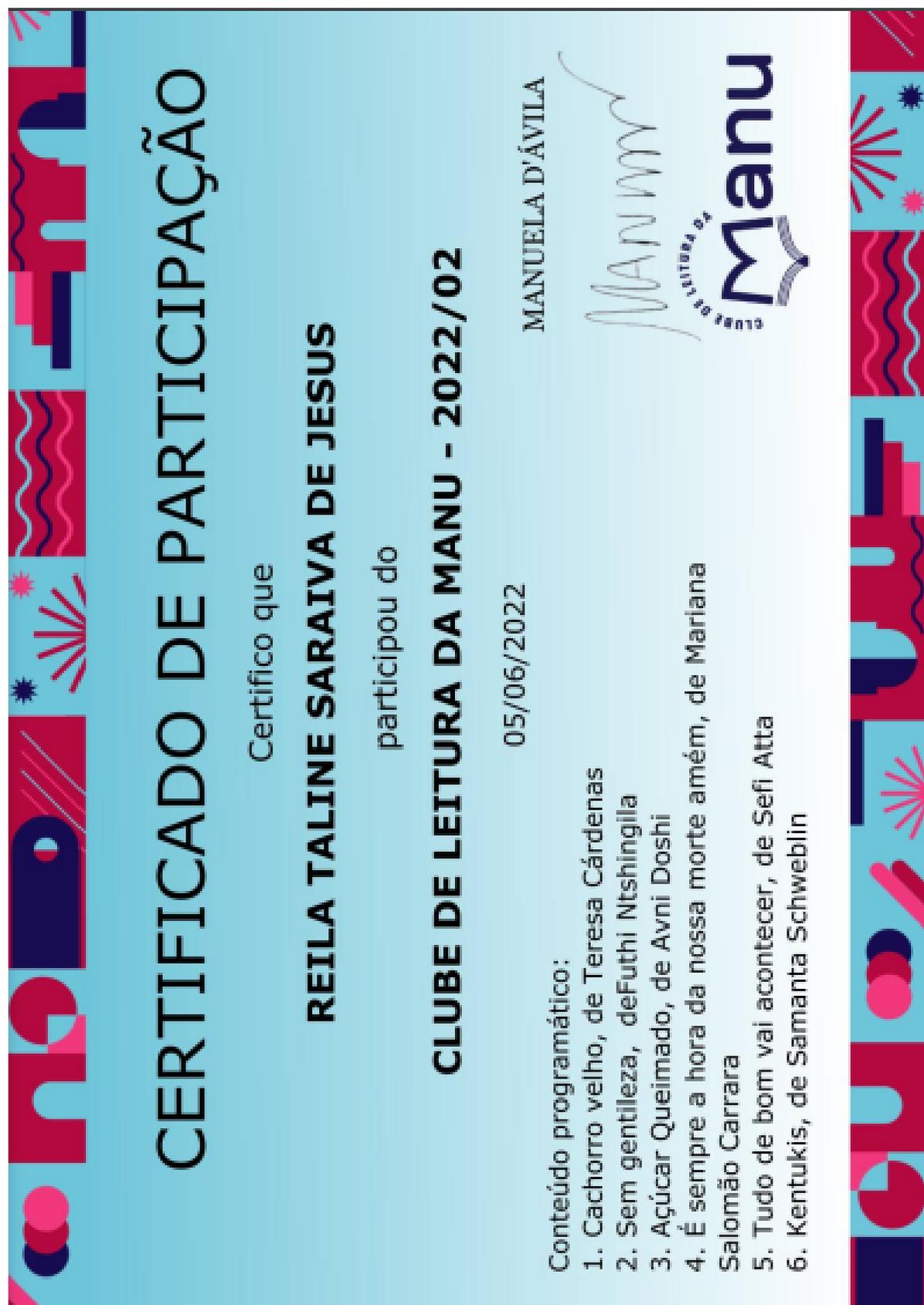
organizado e coordenado por **Manuela d'Ávila**,  
de janeiro a junho de 2022.

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. O Lugar, de Annie Emaux
2. Minha casa é onde estou, de Igiaba Scego
3. Eu, Tituba: bruxa negra de Salem, de Marysé Comdé
4. O parque das irmãs magníficas, de Camilla Sosa Villada
5. Garota, mulher, outras, de Bernardine Evaristo
6. Pequena coreografia do adeus, de Aline Bel

*Manuela*  
CLUBE DE LEITURA DA  
**Manu**





**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil. 9ª ed. Rio de Janeiro, 2010.

----- **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

----- **O mercado de bens simbólicos. In: As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

D'ÁVILA, Manuela. **Revolução Laura: Reflexões sobre maternidade e resistência. Edição Popular**. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2019.

----- **E Se Fosse Você? Sobrevivendo às redes de ódio e fake news**. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2020.

----- **Coletânea Sempre Foi Sobre Nós: Relatos da violência política de gênero no Brasil.** Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016

FAILLA, Zoara. **Retratos da Leitura no Brasil.** Instituto Pró-Livro. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Elefante, 2017,

----- **Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais.** São Paulo: Boitempo, 2019.

----- **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo.** Volume 1. São Paulo: Boitempo, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler. In: \_\_\_\_.** **A importância do ato de ler: em três textos que se completam.** 3.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

----- **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

----- **Teoria Feminista: da margem ao centro.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

SALES, Barbara Nayara Alves. **A economia do cuidado - um estudo sobre o comportamento de profissionais do ensino superior com tempo empenhado em trabalho não pago na cidade de Fortaleza**. Monografia (Curso de Ciências Econômicas) Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 63 f., 2022.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1. Ed., 2018.

UEMG UNIDADE DIVINÓPOLIS. **Encontro com a autora Conceição Evaristo – 4/11/15**. YouTube, 2015. 1 vídeo (2h07m53s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n0YupSAbJ-k>. Acesso em: 21 de Julho de 2023.

WOLFGANG, Iser. **O Ato da Leitura - Uma Teoria do Efeito Estético, Vol 1**. São Paulo: Editora 34, 1996.